

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CENTRO DE DESPORTOS - CDS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

**LUCAS FARIAS DA SILVA**

**Algumas partes e o todo a partir da Educação Física escolar:  
pandemia(s), narrativa(s) e o ensino remoto emergencial**

Florianópolis/SC

2022

**Lucas Farias da Silva**

**Algumas partes e o todo a partir da Educação Física escolar:  
pandemia(s), narrativa(s) e o ensino remoto emergencial**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Hab. Licenciatura, Centro de Desportos/CDS, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Carolina Fernandes da Silva.

Coorientadora: Prof. Me. Lígia Antunes de Siqueira.

Florianópolis/SC

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Lucas Farias da  
Algumas partes e o todo a partir da Educação Física  
escolar : pandemia(s), narrativa(s) e o ensino remoto  
emergencial / Lucas Farias da Silva ; orientadora,  
Carolina Fernandes da Silva, coorientadora, Lígia Antunes  
de Siqueira, 2022.  
82 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

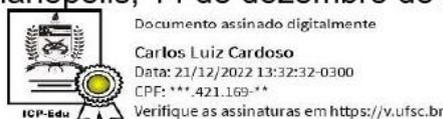
1. Educação Física. 2. Licenciatura. 3. Pandemia. 4.  
Ensino remoto. 5. Transdisciplinaridade. I. Silva,  
Carolina Fernandes da . II. Siqueira, Lígia Antunes de.  
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Educação Física. IV. Título.

Lucas Farias da Silva

**Algumas partes e o todo a partir da Educação Física escolar:  
pandemia(s), narrativa(s) e o ensino remoto emergencial**

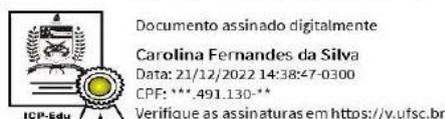
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do  
Título de Licenciado em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo  
curso de Educação Física.

Florianópolis, 14 de dezembro de 2022.

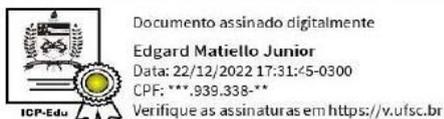


Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso,  
Coordenador do Curso

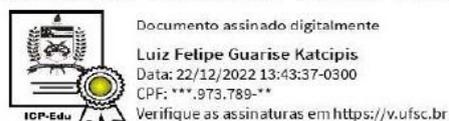
**Banca Examinadora:**



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Fernandes da Silva,  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior,  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Luiz Felipe Guarise Katcipis,  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

*Este trabalho é dedicado a todos aqueles que se empenham em procurar e/ou construir sentidos para além do imediato e superficial, e que também investem na transformação ao se adaptar diante das diversas inquietações que permeiam o presente.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Vânia e Carlos Roberto, e à minha namorada Fernanda. Também quero agradecer à minha orientadora, a professora Carolina Fernandes da Silva, que também é pesquisadora e me convidou desde o início do processo de orientação a participar do grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento. Outro agradecimento especial deve ser dedicado à co-orientadora, a doutoranda Lígia Antunes de Siqueira, que também faz parte do grupo Sôma e sempre foi muito atenciosa e contribuiu bastante para a elaboração deste trabalho.

Minha gratidão também se estende a todos outros professores, especialmente aqueles que aceitaram compor a banca deste trabalho, como é o caso do professor Edgard Matiello Júnior, que foi uma importante figura ao longo da graduação e também meu tutor durante o período em que participei do Programa de Educação Tutorial - Educação Física; do professor Luiz Felipe Guarise Katcipis, que é também historiador, além de colega e membro participante do grupo Sôma. Assim, agradeço também à Universidade Federal de Santa Catarina, por ter sido um espaço acolhedor e promissor ao longo da minha jornada acadêmica.

Também quero agradecer a todos os colegas e amigos que de alguma forma fizeram parte da minha trajetória acadêmica e de existência, que vem a culminar neste trabalho de conclusão de curso. Mais um ciclo que finalmente se encerra, para que novos possam vir a surgir, com mais maturidade, sabedoria e sempre permitindo abertura a perspectivas capazes de ampliar e clarificar nossas visões de mundo e de vida.

*Está cada vez mais evidente que a civilização do poderio técnico e do bem-estar material negligenciou as aspirações e necessidades do espírito e da alma humana. Sua hiperatividade ignorou a vida interior, a necessidade de paz e serenidade, concedendo a essas necessidades um tempo determinado de lazer ou férias para melhor retornar à hiperatividade, ao tempo cronometrado, ao domínio do cálculo, do lucro e do interesse pessoal.*

**(Conhecimento, ignorância, mistério  
- Edgar Morin, 2020a, p. 96-97).**

## RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um trabalho de conclusão de curso em Licenciatura na Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, construído a partir da repercussão de experiências pessoais vivenciadas no contexto do ensino remoto emergencial, decorrente dos impactos provocados pela pandemia do novo coronavírus. Assim, diante dessa conjuntura, emerge o seguinte problema de pesquisa: como as experiências com o ensino remoto emergencial durante a graduação em Licenciatura na Educação Física, no período da pandemia de Covid-19, foram incorporadas subjetivamente por um discente em processo de formação docente? Para tanto, a análise e interpretação dessas experiências são objetivadas através de pontos de vista do próprio autor, amparados por ponderações a partir de uma abordagem transdisciplinar. Esta que, por vez, compõe o eixo teórico-metodológico deste estudo, que visa dar vazão às subjetividades vivenciadas na mesma medida em que também busca por uma compreensão mais ampla a respeito do tempo presente. Assim, considerada em sua globalidade, esta pesquisa apresenta caráter predominantemente qualitativo, de cunho descritivo e exploratório, embasada em fontes bibliográficas e documentais, bem como em contribuições encontradas na perspectiva do pensamento complexo, de Edgar Morin (1994, 2000, 2015a, 2015b, 2020a, 2020b), e na proposta transdisciplinar, manifestada por Basarab Nicolescu (1999), sugerindo a emergência de novos paradigmas para a condução do pensamento científico na contemporaneidade. A partir disso, são produzidos relatos de experiência pelo autor, de acordo com diferentes enfoques vivenciados ao longo do período de ensino remoto emergencial na Educação Física escolar, conforme as posições de atuação, ora como estudante na graduação, ora como estagiário, ora como monitor de estágio, mas também enquanto ser humano vivendo em tempos de pandemia e que aspira a um conhecimento complexo e transdisciplinar. Por fim, as principais contribuições geradas envolvem as relações entre os aspectos subjetivos e intersubjetivos, considerando as trajetórias de vida, os contextos históricos que moldaram e continuam a influenciar a humanidade, bem como as possibilidades de a Educação Física escolar vir a incorporar cada vez mais o pensamento complexo e a transdisciplinaridade em suas concepções de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** educação física escolar; ensino remoto; pandemia; complexidade; transdisciplinaridade.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**EPI** - Equipamento de Proteção Individual

**MEC** - Ministério da Educação

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**PMF** - Prefeitura Municipal de Florianópolis

**TDICs** - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

**UFSC** - Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1	OBJETIVOS.....	14
1.1.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	14
1.1.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
2.1	DA GRIPE ESPANHOLA À COVID-19: do passado remoto ao ensino remoto.....	15
2.1.1	A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: o presente que ainda não é passado.....	20
2.1.2	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um breviário histórico das abordagens.....	23
2.1.3	O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: a alternativa para a retomada e continuidade das aulas.....	25
<b>3</b>	<b>ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b> .....	<b>31</b>
3.1	COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE: um novo olhar sobre os fenômenos.....	31
3.2	TRANSCURSO METODOLÓGICO: o intrincamento dos caminhos do estudo.....	35
3.3	ANÁLISE SUBJETIVA E TRANSDISCIPLINAR.....	37
<b>4</b>	<b>DISCUSSÕES RESULTANTES</b> .....	<b>40</b>
4.1	ENQUANTO ESTUDANTE NA GRADUAÇÃO.....	41
4.2	ENQUANTO ESTAGIÁRIO / PROFESSOR.....	52
4.3	ENQUANTO MONITOR / PROFESSOR.....	60
4.4	ENQUANTO SER HUMANO EM CONSTANTE PROCESSO DE AUTOECO-ORGANIZAÇÃO.....	62
<b>5</b>	<b>MÚLTIPLAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>71</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Então, por onde começar? De uma forma ou de outra, é sempre preciso começar de algum ponto. E não se trata apenas de começar, mas de recomeçar, sempre que preciso. Desse modo, este trabalho de conclusão de curso se constitui enquanto uma aposta. Assim como é necessário delimitar o foco para não se perder em meio a tantos emaranhados que permeiam nossas vidas. E, para isso, é preciso ter clareza, discernimento e acalmar a sede premente de querer tudo abarcar. Portanto, neste estudo se seguirão apenas algumas partes daquilo que foi pré-selecionado, articulando-as com contextos mais amplos, e vice-versa.

Em fins de dezembro de 2019 um novo vírus foi descoberto na cidade de Wuhan, na China, sendo posteriormente declarada a situação global de pandemia. Trata-se do novo coronavírus (Covid-19), desencadeador de problemas respiratórios, podendo levar indivíduos de uma leve gripe até complicações pulmonares mais sérias e, por consequência, também a óbitos. E, considerando que a forma de contágio envolve o contato próximo entre pessoas, a Organização Mundial de Saúde lançou, entre as mais urgentes e eficazes recomendações, a do distanciamento social (OMS, 2020).

No Brasil, o primeiro caso confirmado do vírus foi na cidade de São Paulo, em 26 de fevereiro de 2020. Fato que veio a gerar uma série de ações governamentais, como a repatriação de brasileiros que estavam em Wuhan, epicentro da pandemia, além de medidas de restrição na circulação de pessoas, tendo em vista conter a propagação acelerada do número de infectados (RESENDE, 2022).

Tal fato também veio a repercutir no contexto educacional brasileiro, através da suspensão das aulas em diferentes níveis de ensino em todo o território nacional por tempo indeterminado. Medida esta que exigiu reorganização no sentido de não prejudicar a permanente interrupção das aulas, instaurando-se, então, a modalidade do ensino remoto emergencial, através da aplicação de aulas virtuais, variando de acordo com a realidade e as possibilidades de cada região e instituição de ensino no país (MEC, 2020a).

No caso específico da cidade de Florianópolis, a Prefeitura Municipal criou uma plataforma virtual de ensino, tendo em vista a retomada das aulas da

rede básica municipal, nas quais os alunos puderam ter acesso às aulas através de seus aparelhos digitais com possibilidades de conexão à internet (PMF, 2020). Do mesmo modo, a Universidade Federal de Santa Catarina, instituição na qual o autor desta pesquisa encontra-se em formação acadêmica na Licenciatura em Educação Física, também sofreu com a paralisação, e o retorno das aulas em formato remoto ocorreu somente a partir de agosto de 2020, após aprovação do Calendário Acadêmico Suplementar Excepcional dos Cursos de Graduação (MEC, 2020b; 2020c).

E, nisso, entre as disciplinas da graduação que ainda faltavam para o meu cumprimento do currículo, e que foram realizadas através do formato de ensino remoto emergencial, estavam as de Teoria e Metodologia do Handebol; Teoria e Metodologia do Voleibol; Medidas e Avaliações em Educação Física A; Adaptações Orgânicas ao Exercício A; Metodologia da Pesquisa em Educação Física; Seminário de Conclusão de Curso I; Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I e II; além de também ter atuado enquanto monitor de Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar II.

Diante deste cenário, emerge o seguinte problema de pesquisa: como as experiências com o ensino remoto emergencial durante a graduação em Licenciatura na Educação Física, no período da pandemia de Covid-19, foram incorporadas subjetivamente por um discente em processo de formação docente?

A partir disso, considero importante ressaltar alguns aspectos a respeito da minha trajetória na UFSC que, certamente, também vieram a influenciar na própria escolha do tema desta pesquisa. O fato é que, antes de entrar no curso de Licenciatura em Educação Física, no ano de 2017, fui estudante de Filosofia no ano de 2014; e, entre 2015 e 2016, fui aluno do curso de História. Ou seja, já fazia parte da comunidade acadêmica da instituição três anos antes do ingresso na Educação Física. E, apesar de não adentrar nos méritos que me levaram a essas trocas consecutivas de curso através da realização de provas de vestibular, porém, compreendo que todo esse percurso me legou importantes contribuições até este momento. E, sem a menor dúvida, são áreas do conhecimento que continuam a me interessar. Não à toa elas estão presentes, ajudando a compor os traçados deste trabalho.

Desse modo, com o intuito de buscar elementos que me auxiliassem a

interpretar a realidade do presente, investiguei um pouco do passado a partir de uma pesquisa histórica sobre outra pandemia, a de Gripe Espanhola, ocorrida no período compreendido entre os anos de 1918 e 1920, a fim de sanar inquietações e mitigar o desconforto gerado por esta outra situação global de emergência pandêmica, vivida no agora. Tal pesquisa histórica também permitiu encontrar aspectos que carregam semelhanças e diferenças em relação à conjuntura da pandemia de Covid-19, instaurada em 2020 (PASSOS; WALTER, 2020; SILVA, 2020b). Conjuntura essa que envolve o objeto desta pesquisa, uma vez que são destacadas vivências ocorridas no atual período, através da modalidade de ensino remoto emergencial, a partir de diferentes pontos de vista de atuação de um graduando em Licenciatura na Educação Física (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

Assim, por também considerar a inseparabilidade entre pesquisador e objeto pesquisado, especialmente quando se trata de um contexto pandêmico, que remete ao inesperado e às imprevisibilidades diante das quais nos encontramos todos expostos enquanto seres humanos neste planeta, a teoria da complexidade, de Edgar Morin, e alguns de seus principais operadores cognitivos compõem ferramentas importantes pelas quais a pesquisa é conduzida (MORIN, 1994, 2015b, 2020b; SÁ, 2019; SCHERRE, 2015).

Atrelada à complexidade também está a perspectiva transdisciplinar deste estudo, que pode ser mais bem compreendida a partir da definição formulada por Basarab Nicolescu (1999, p. 53), que diz o seguinte:

A transdisciplinaridade, como o prefixo 'trans' indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

O que não significa, porém, que este estudo se enquadre numa concepção absolutamente transdisciplinar, uma vez que existem diferentes graus na escala até se chegar a um possível conhecimento capaz de transcender completamente as fronteiras disciplinares (NICOLESCU, 1999). Assim como também é necessário remediar tais aspirações com as próprias percepções subjetivas vivenciadas ao longo do contexto, envolvendo as experiências relacionadas especificamente à Educação Física escolar.

Contudo, ainda assim, contribuições para além dessas fronteiras são desejadas, pois a busca por um entendimento mais amplo do tempo presente e que incorpora as subjetividades também é uma ambição desta pesquisa.

Trata-se, portanto, de considerar esta pesquisa como um modo de abertura à transdisciplinaridade, que possa vir a motivar outros acadêmicos e profissionais da Educação Física a ir além dos conteúdos disciplinares convencionais, explorando e aprofundando-se, por exemplo, em temáticas transversais de ensino. E que também se revelaram importantes eixos nos quais professores puderam se inspirar para a transmissão de aulas ao longo do período de ensino remoto emergencial, contribuindo na formação dos alunos enquanto seres mais críticos, perceptivos e sensíveis às questões que rodeiam seus contornos sociais, assim como do nosso planeta como um todo (CASELLI; FERRAZ, 2017; FERES NETO; JOÃO, 2019; PAULA; SUANNO, 2016; PEREIRA, 2021; PETRAGLIA, 2015).

Partindo para a organização dos capítulos, após esta Introdução, na Revisão Narrativa de Literatura, são levantados aspectos históricos sobre a Gripe Espanhola até sua chegada ao Brasil e à cidade de Florianópolis, sobretudo entre os anos de 1918 e 1919. Na sequência, é ressaltada a pandemia do tempo presente, a do novo coronavírus, também apresentando sua irradiação e impactos no Brasil e em Florianópolis, cidade onde o autor desenvolveu experiências com o ensino remoto emergencial, em parceria com instituições escolares municipais ao longo do período. Em seguida é apresentado o capítulo Entrelaçamentos Teórico-Metodológicos, englobando as teorias da complexidade e da transdisciplinaridade num tópico à parte, além de caracterizar como se desenvolveu a metodologia deste trabalho acadêmico. O capítulo Discussões Resultantes traz em evidência as experiências mais marcantes relatadas a respeito da Educação Física escolar vivenciadas no formato do ensino remoto emergencial, em diálogo com outros estudos e conceitos importantes envolvendo os sujeitos em seus contextos de ação. O capítulo Múltiplas Considerações Finais, na sequência, destaca as principais conclusões de toda esta investigação ao retomar o problema e os objetivos da pesquisa, expondo como foram contemplados. Por fim, na seção de Referências, são listadas as principais obras utilizadas para a composição deste estudo.

Em suma, todo este trabalho acadêmico de pesquisa também se constitui enquanto um anseio de busca existencial, tendo em vista maior autoconhecimento, abordando paradigmas emergentes ainda não tão explorados para a produção de conhecimentos mais autênticos. É certo que se poderia ter buscado um trajeto mais simples e com trilhas mais bem demarcadas, mas acredito que, neste momento, a melhor escolha talvez consista em apostar na profusão de caminhos oferecidos por todo este emaranhado, do qual tentarei, na medida do possível, me desembaraçar.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar e interpretar como as experiências vivenciadas no ensino remoto emergencial durante a graduação em Licenciatura na Educação Física, no período da pandemia de Covid-19, foram incorporadas subjetivamente por um discente em processo de formação docente.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Apresentar experiências a partir do ponto de vista de atuação enquanto estudante de Licenciatura na Educação Física nos componentes curriculares cursados durante o período de formação entre 2020.1 e 2021.1;
- Apresentar experiências a partir do ponto de vista de atuação enquanto estagiário / professor nos Estágios Supervisionados em Educação Física Escolar I e II, ocorridas em 2020.1 e 2020.2;
- Apresentar experiências a partir do ponto de vista de atuação enquanto monitor / professor no Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar II, ocorridas em 2021.1;
- Apresentar experiências a partir do ponto de vista de atuação enquanto sujeito em constante processo de autoeco-organização.

## 2. REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

Neste capítulo estão elencadas as principais fontes de referência e leituras realizadas ao longo do processo de pesquisa, que até o momento final de sua constituição sofreu acréscimos e decréscimos, constantes reorganizações e interferências, tanto internas quanto externas, cuja busca por clareza e objetividade atua de forma interdependente em relação às projeções e inquietações subjetivas ao longo dessa trajetória.

### 2.1 DA GRIPE ESPANHOLA À COVID-19: do passado remoto ao ensino remoto

Diante da consideração de que o estudo histórico pode nos permitir compreender melhor o tempo presente, ainda mais quando a humanidade neste planeta se encontra no seio de uma pandemia, é coerente e plausível a decisão de estudar e buscar informações sobre contextos do passado que possuem similaridades, no sentido de traçar paralelos tendo em vista aprender com as repercussões desencadeadas por tais conjunturas (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020; PASSOS; WALTER, 2020; SILVA, 2020b).

Entre os anos de 1914 e 1918 uma guerra assombrou o planeta, pairando especialmente sobre o continente europeu. Os combates que dizimavam cidades também traziam pânico à população. O caos parecia já estar instalado enquanto novas armas militares somavam-se às batalhas. O saldo desse conflito bélico resultou em cerca de 20 a 30 milhões de vítimas; eis a Primeira Guerra Mundial (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Porém, outro combate ainda estava à espreita e se dispunha a contabilizar mais mortes do que a própria guerra entre os humanos, um vírus fatal, o influenza. A esse respeito, Schwarcz e Starling (2020, p. 13) destacam as seguintes informações: “Em mais ou menos noventa dias, iria infectar um quinto da população mundial e matar de 20 milhões a 50 milhões de pessoas, ultrapassando o resultado de quatro anos de guerra global ininterrupta”.

Tratava-se de uma misteriosa moléstia que se alastrava como epidemia crescente pelo globo. O primeiro país a publicar o alerta global quanto ao novo surto, que já deixava seus rastros de morte, foi a Espanha. E, por esse motivo,

o nome da doença provocada pelo vírus sagrou-se como Gripe Espanhola. Engana-se, porém, quem crê que esse batismo se refira ao local de origem do vírus. A resposta para tal questão está no fato de que essa nação se encontrava em relativo ponto de neutralidade na guerra e, portanto, a imprensa local não censurou a notícia de que mais um novo mal já estava a caminho (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Tal explicação é reforçada ao se considerar que os países imbricados no conflito não desejavam anunciar a moléstia, pois esse alerta poderia implicar numa demonstração de fraqueza e vulnerabilidade diante dos rivais. Num outro sentido, também, a tal gripe recebeu outros nomes, a depender do local e dos interesses daqueles que anunciavam a chegada da tenebrosa doença, por exemplo, dando o nome da gripe com a alcunha do inimigo mais próximo, do país ou da região vizinha a qual ocorriam os combates (SCHWARCZ; STARLING, 2020). Mais do que isso, havia também quem acreditasse, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil que, conforme Schwarcz e Starling (2020, p.15):

[...] a gripe era uma arma química, inventada na Alemanha, fabricada pelo laboratório farmacêutico Bayer e espalhada por espiões que desembarcavam de madrugada dos submarinos alemães nos portos das cidades inimigas e destampavam cuidadosamente os tubos de ensaio repletos de germes.

No fim das contas, demorou-se a reconhecer amplamente os perigos dessa nova doença. Além disso, os avanços científicos da época não permitiam a compreensão total desse novo inimigo invisível, que envolvia a existência dos vírus. Até supunha-se que haviam micro-organismos cuja estrutura era menor do que as bactérias, mas a tecnologia vigente ainda não tinha chegado ao ponto de proporcionar tal confirmação através de instrumentos mais precisos (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Quanto à origem desse vírus, que se trata, muito provavelmente, segundo Schwarcz e Starling (2020, p.27), de “uma cepa extraordinariamente agressiva do vírus influenza A - o vírus da gripe “comum” - do subtipo H1N1”, a tese mais aceita é a de que, conforme o historiador John Barry (2005 apud SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 38): “[...] surgiu nos Estados Unidos entre 28 de fevereiro e 2 de março de 1918, quando o hospital de um quartel, [...] no

Kansas, recebeu, no dia 4 de março, soldados infectados pela influenza”.

E, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, desembarcando no continente europeu para se juntar aos aliados contra os alemães, o vírus disseminou-se, a princípio, pelas trincheiras, até chegar às cidades e aos povoados, sem mais distinguir fronteiras pela esfera terrestre (SCHWARCZ; STARLING, 2020). As medidas sanitárias e a conscientização político-social mais amplas não foram suficientemente ágeis. À sombra da Primeira Guerra Mundial, a crescente epidemia elevou-se à culminância de uma pandemia severa. A esse respeito, Schwarcz e Starling (2020, p.46) constataam:

Toda doença conta uma história. Toda doença contagiosa é também um evento social. No começo, a peste é quase sempre recepcionada com grandes doses de “negação”. Encarar a verdade incontornável da nossa precariedade nem sempre é fácil - e é isso que a epidemia nos coloca diante dos olhos. As pessoas de início procuram obstinadamente não ver para escapar ao enfrentamento da onda ascendente do perigo. É um modo de tranquilizarem a si próprias. O medo legítimo da peste leva a sociedade a enganar a si mesma para retardar o máximo possível o momento em que a doença terá de ser confrontada.

No caso do Brasil, a chegada da terrível ameaça se deu, provavelmente, no dia 9 do mês de setembro de 1918, a bordo de um navio proveniente da cidade de Liverpool, na Inglaterra, cujo nome era Demerara e aportou na cidade do Rio de Janeiro com passageiros e tripulantes contaminados com o vírus, alastrando-se país adentro através, sobretudo, das vias férreas e fluviais (SANTOS, 2021; SCHWARCZ; STARLING, 2020).

E, no caso da capital catarinense, por também se tratar de uma cidade litorânea e portuária, o vírus não tardou a chegar. Conforme o Relatório de Inspeção e Higiene catarinense (1919 apud Schlemper Junior e Dall’Oglio, 2011, p.106):

Os registros oficiais assinalam que o agente causal da pandemia atingiu o Estado de Santa Catarina a bordo do vapor Itaquera que atracou em Florianópolis em 06 de outubro de 1918, com 38 passageiros gripados e, confirmando a enorme contagiosidade do vírus, sete dias após já era notificada a ocorrência do primeiro caso autóctone da influenza espanhola.

Para conter a disseminação da doença e aplicar medidas de contenção no Estado de Santa Catarina, o Diretor Geral de Saúde Pública, Dr. Carlos

Seidl, fundou o Serviço de Higiene que, entre outras incumbências, também tinha a de tratar os sintomas e prevenir que a doença viesse a ser transmitida descontroladamente entre os indivíduos (O ESTADO, 22 out. 1918 apud 2011 ARQUIVOS CATARINENSES DE MEDICINA, 2011).

Alguns dos medicamentos que foram prescritos para tratar os efeitos da nova doença já eram utilizados para outras enfermidades, como é o caso do quinino (para o combate da malária), que se revelou ineficiente. Algumas fórmulas caseiras também vieram à tona, a exemplo da “[...] água destilada, sulfato de sódio, acetato de amônia, raízes guiné, óleo de rícino, aspirina, bromidrato, arsênico, entre outros” (RELATÓRIO DE INSPETORIA DE HIGIENE, 1919 apud 2011 ARQUIVOS CATARINENSES DE MEDICINA, 2011, p. 107).

Alterações no cotidiano também foram inevitáveis na tentativa de conter o avanço da doença e não sobrecarregar o sistema de saúde pública da capital, que já era relativamente precário. Autoridades sanitárias encarregaram-se de decretar medidas de isolamento social, enquanto o pânico do desconhecido tomava conta de boa parte da população. Na cidade de Florianópolis postos de socorro foram criados, além de dois hospitais provisórios e do arregimentamento de auxiliares de saúde, como médicos, enfermeiros, farmacêuticos, estudantes de medicina, etc. (SCHLEMPER JUNIOR; DALL’OGLIO, 2011).

Num tom mais subjetivo e memorístico, a obra “O garoto e a cidade: Florianópolis dos anos 20”, tida como uma narrativa ficcional em tons autobiográficos de autoria de Renato Barbosa (1979 apud HISTÓRIAS INÉDITAS DA FLORIANÓPOLIS ANTIGA (1900-1920), 2020, p.8), ressalta alguns aspectos expressando ênfase dramática e interpretativa quanto a suas considerações em relação às angústias e lembranças de sua infância:

Estabelecimentos de ensino fechados; os cinemas cerraram as portas; a turma se dispersava dos pontos habituais; os sinos da Catedral plangiam a finados o dia todo; o obituário de “O Estado” arrolava nomes conhecidos e queridos; os gêneros alimentícios escasseavam no mercado; os médicos não tinham mãos a medir; agonizantes, estertorando, se amontoavam pelas alas e corredores do Hospital de Caridade e do Hospital Militar; nas farmácias, os estoques de medicamentos iam sendo consumidos , hora a hora [...].

O principal jornal catarinense da época, “O Estado”, nas datas de 31 de outubro e 08 de novembro de 1918 noticiou a ausência de alunos nas escolas, seja por adoecimento ou até mesmo por medo de exposição ao contágio. Já em 22 de novembro do mesmo ano foi notificado pelo jornal “Terra Livre” o fechamento das escolas públicas por tempo indeterminado, considerando que ambientes com grande concentração de pessoas representavam maiores riscos para a contaminação (SCHLEMPER JUNIOR; DALL’OGLIO, 2011).

Tecendo paralelo em relação à cidade do Rio de Janeiro, na mesma época, porém, ao invés de serem fechadas, parcela significativa das escolas foram convertidas em postos de socorros, tendo as salas de aula se transformado em enfermarias para dar conta de atender à demanda dos enfermos, além do fato de que diversos professores foram requisitados para prestar atividades de auxílio à população (SANTOS, 2021).

As principais manifestações clínicas da doença foram subdivididas em duas categorias, a saber: as “formas ligeiras”, que eram mais comuns, e as “formas complicadas”, que já advinham de comorbidades dos pacientes e quase sempre revelavam-se como fatais. No primeiro grupo os sintomas mais frequentes eram: febre, catarro, inapetência, prostração, dor de cabeça, mal-estar, língua esbranquiçada e urina escura. No caso do segundo grupo, os principais sintomas da tal nova gripe eram: congestão pulmonar, complicação gastrointestinal, broncopneumonia e toxemia (SCHLEMPER JUNIOR; DALL’OGLIO, 2011).

Em última instância, os dados da pandemia na cidade de Florianópolis, por conta de descaso quanto às notificações de contágio, não permitem averiguar os impactos da doença nas diferentes classes sociais, muito embora acredita-se que, por estarem mais vulneráveis e expostas a condições sanitárias mais insalubres, as camadas mais pobres e negligenciadas do município provavelmente foram as mais atingidas pela doença e suas complicações (SCHLEMPER JUNIOR; DALL’OGLIO, 2011).

Ainda assim, as estatísticas obtidas e reveladas demonstraram que o auge da pandemia de Gripe Espanhola na cidade durou de 06 de outubro de 1918 a 18 de dezembro do mesmo ano. E, segundo o Relatório de Inspeção de Higiene (1919 apud ARQUIVOS CATARINENSES DE MEDICINA, 2011, p. 111): “[...] que considera apenas as ocorrências entre as pessoas atendidas

pelo Governo, aponta que dos 10 mil infectados, 124 (0,12%) foram a óbito, número considerado abaixo do real face às restrições do documento oficial.” Tais informações amparam a suposição de que ocorreram subnotificações de casos, ou até mesmo foram propositalmente escamoteados pelos registros públicos frente a real situação da pandemia na capital catarinense.

A despeito disso, observa-se que, a nível nacional, a faixa etária com maior letalidade tenha sido a de pessoas entre os vinte e quarenta anos de idade, justamente a parcela da população em idades mais aptas ao trabalho e, conseqüentemente, mais suscetíveis ao contágio devido à maior exposição social (KIND; CORDEIRO, 2020). Na época, não havia alternativas como a realização do trabalho de forma remota em casos nos quais, atualmente, já é possível. De modo semelhante, a manutenção da continuidade das aulas na educação sofreu interrupções de acordo com exigências de cada localidade, sem a possibilidade de alternativas como o ensino através da modalidade virtual.

Na contemporaneidade, enquanto a humanidade vivencia tantas incertezas e desencontros quanto a informações, notícias e modos de se orientar no mundo, uma pandemia do passado, como a da Gripe Espanhola, pode nos fornecer reflexões importantes. Assim como nos revelar que, mesmo numa época de maior acúmulo de conhecimento científico, ampliação e disseminação do acesso à informação e variadas formas de comunicação social através de meios tecnológicos como nunca antes se tinha experimentado na história, ainda assim, comportamentos e vícios de atitudes sociais e políticas persistem. Alguns exemplos estão no negacionismo, no compartilhamento de notícias falsas, nas teorias conspiratórias e nas propostas de cura e prevenção sem o devido embasamento científico (PASSOS; WALTER, 2020).

### 2.1.1 A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: o presente que ainda não é passado

Em fins do ano de 2019 um vírus recém descoberto na província de Wuhan, na China, trouxe sinais de alerta para o planeta. Poucos meses depois, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde emitiu

comunicados declarando aos governos nacionais a nova ameaça com a chancela de uma epidemia em crescente avanço. A infecção causada por esse agente patogênico afeta, a princípio, o sistema respiratório humano e foi batizado de SARS-CoV-2, sendo mais um representante da família viral dos coronavírus (OMS, 2020). E, com isso, cerca de um século após a deflagração da pandemia de Gripe Espanhola, a humanidade passa por um novo desafio: enfrentar a Covid-19 e suas decorrentes implicações (KIND; CORDEIRO, 2020).

No Brasil, os primeiros casos da nova doença foram notificados em fevereiro de 2020, decorrendo períodos de quedas e altas nas taxas de infecção. Assim, o maior desafio foi conter o avanço desmedido da doença a fim de não colapsar os sistemas de saúde com a superlotação dos leitos de UTI, por exemplo, bem como os sistemas funerários e necrotérios das regiões mais afetadas (KIND; CORDEIRO, 2020; RESENDE, 2022).

Ainda segundo Kind e Cordeiro (2020), o cenário de morte e luto coletivos presentes numa pandemia, com notícias diárias que atualizam indefinidamente estatísticas a respeito da morte em massa de indivíduos, acabam por banalizar o luto sob a fachada da quantificação e do anonimato. Aos doentes, moribundos, amigos e familiares, o futuro, e também o presente, revelam-se em crescente desestruturação.

Agora mais especificamente em relação ao Estado de Santa Catarina, seguindo orientações da OMS, foi assinado pelo governador Carlos Moisés da Silva o decreto N° 507, publicado no diário oficial no dia 16 de março de 2020, contendo algumas medidas com o intuito de auxiliar na prevenção e no combate ao novo coronavírus (SANTA CATARINA, 2020a). Dentre essas medidas estão o fechamento de restaurantes, *shoppings centers* e a suspensão da circulação de veículos públicos de transporte municipal, intermunicipal e interestadual de passageiros. No dia seguinte após essas determinações foi também promulgado o decreto N° 509, revogando o anterior e trazendo atualizações com acréscimos de atividades suspensas, como a interrupção das aulas presenciais - nas redes pública e privada, desde a educação infantil até o ensino superior - em todo o território catarinense a partir do dia 19 de março de 2020 e por tempo indeterminado (SANTA CATARINA, 2020b).

Além disso, campanhas sociais de esclarecimento e que buscam orientar a população quanto aos riscos de contágio e formas de prevenção foram recorrentes diante do enfrentamento coletivo para conter ou minimizar a ação de um agente patológico, como é o caso dos vírus (PASSOS; WALTER, 2020; SCHONS; BRANCO; ZANCANARO; BELLAVER, 2021; VALENCIO, 2020). Nesse sentido, e com os recursos tecnológicos que a humanidade dispõe atualmente - claro que se pode fazer ressalvas quanto a isso, uma vez que o acesso ainda não se encontra completamente difundido e amplamente democratizado - , permitiu-se que uma abordagem emergencial, com vistas a assegurar a continuidade das aulas através da modalidade educacional de ensino remoto, fosse factível de ser realizada (PAIVA, 2020).

Entretanto, não bastasse todo o desconforto e os impasses gerados pela pandemia, ainda existe a presença de outra ameaça, que se propaga sobretudo via internet: as mentiras e notícias falsas. Essas que, muitas vezes, são produzidas com o intuito de disseminar caos e desinformação, levando a própria imprensa, a ciência e os responsáveis pela gestão pública ao descrédito. Com isso, tal situação tende a alavancar enormes prejuízos sociais, sobretudo em nível de desestabilização da saúde mental da população (GAUDENZI, 2021; KIND; CORDEIRO, 2020; MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

Assim sendo, as experiências pandêmicas provocadas pelo novo coronavírus, a gerar repercussões imediatas no tempo presente, tornam possíveis encontrar ligações através de uma perspectiva histórica em relação a outros eventos similares, mais recuados na linha do tempo. É sensato lembrar, contudo, que não se trata de estabelecer discursos fixos e inalteráveis da história do tempo presente, mas buscar nos registros, nas narrativas e nas memórias correlações com a atualidade que, por seu lado, também preserva suas próprias incertezas e ineditismos em busca de uma contínua e (re)atualizável compreensão do aqui e agora (FÁVERO AREND; MACEDO, 2009; MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020; SILVA, 2020b). E, em se tratando de pesquisas sobre a história do tempo mais recente, certamente este aspecto do presente trabalho não possui a pretensão de abarcar a fulminante e incessante oferta de informações às quais estamos diariamente expostos através das mídias.

É preciso, pois, que a humanidade e os governos se unam e cooperem globalmente mais do que nunca, compartilhando estudos, informações confiáveis, equipamentos e técnicas para melhor enfrentar a gravidade da atual pandemia, bem como em relação a possíveis outros futuros patógenos. Seguramente, essa cooperação também diz respeito às próprias ações humanas em escala ecológica, que tendem a afetar e até mesmo a ameaçar a continuidade da nossa espécie no planeta Terra (HARARI, 2020).

### 2.1.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um brevírio histórico das abordagens

A Educação Física se trata de um componente curricular de caráter eminentemente prático, constituído historicamente como disciplina escolar obrigatória desde o início do século XX no Brasil. Inicialmente, sem uma sistematização clara, as abordagens eram fortemente marcadas pela disciplina e instruções militares, numa perspectiva higienista, de “regeneração da raça” e direcionada à manutenção da saúde física dos cidadãos. No período entre 1945 e 1964, pós Segunda Guerra Mundial, as práticas esportivas passaram por um processo de pedagogização direcionada a serem aplicadas no âmbito escolar. Na sequência, com a Ditadura Militar no Brasil, o caráter nacionalista, disciplinador, de ordem e fortalecimento moral atrelados ao ensino da Educação Física tornou a preponderar (BRACHT, 1999; MACHADO; FONSECA; MEDEIROS; FERNANDES, 2021).

Somente a partir da década de 1980, porém, que novos modelos e concepções que visavam romper com o modelo esportivista e tradicional vieram à tona e se disseminaram no país. Algumas dessas propostas estão na abordagem Desenvolvimentista, em que a qualidade do movimento e o desenvolvimento motor são eixos fundamentais; na Psicomotricidade, em que o foco principal está em garantir a formação integral do aluno, valorizando não apenas o desenvolvimento funcional, mas também a questão da afetividade; na proposta Construtivista, em que a construção do conhecimento ocorre a partir da interação do sujeito com o mundo, extrapolando o mero ato de ensino e aprendizagem baseado na transmissão diretiva de conteúdos; e também na concepção de Saúde Renovada, na qual se revitaliza a ideia de que a principal tarefa da Educação Física é a promoção da saúde e da aptidão física. Contudo,

tais abordagens são passíveis de críticas no sentido de que, ou não estabelecem finalidades específicas para a Educação Física escolar, ou desconsideram até mesmo questões como as desigualdades sociais decorrentes de processos histórico-políticos, que devem ser levadas em conta para que se realizem propostas com considerações mais democráticas, levando em conta realidades de parcelas menos privilegiadas da população (BRACHT, 1999; DARIDO, 2012).

Mas é a partir das perspectivas derivadas de discussões ocorridas na década de 1990 que se levantaram críticas incisivas ao modelo de sociedade capitalista, sendo incorporadas às propostas de atuação na Educação Física escolar. Um exemplo é o caso da abordagem Crítico-Superadora, sobre a qual em 1992 foi lançada uma importante obra, intitulada Metodologia do Ensino de Educação Física, que foi elaborada por um Coletivo de Autores. A concepção adotada baseou-se no marxismo e no neomarxismo, fundamentando-se numa pedagogia histórico-crítica, pautada no discurso de justiça social, entendendo como objeto da Educação Física a cultura corporal, que envolve, por exemplo, o esporte, a ginástica, a dança, a luta, o jogo e a mímica, sendo considerados patrimônios culturais da humanidade constituídos historicamente (BRACHT, 1999; DARIDO, 2012).

Nesse mesmo espectro também está a abordagem Crítico-Emancipatória, idealizada por Elenor Kunz e influenciada pela pedagogia de Paulo Freire, propondo que a Educação Física deve tratar do ensino da cultura de movimento em uma concepção ampla, na qual o se movimentar, bem como os sentimentos, as emoções e os contextos envolvidos estão associados e constituem juntamente um fenômeno histórico, sociocultural e antropológico, culminando na adoção do conceito fenomenológico de corporeidade. Além disso, também considera fundamental que sejam realizados questionamentos ao fenômeno esportivo, promovendo o desenvolvimento crítico dos alunos a nível social em processos coparticipativos de comunicação (BRACHT, 1999; DARIDO, 2012). Todavia, não cabe à proposta desta pesquisa considerar expressamente tais abordagens da Educação Física escolar, ainda que as perspectivas críticas amparem fortemente a concepção encaminhada para o presente estudo.

Ademais, também há o caso da ampliação e (re)elaboração das

diretrizes pedagógicas norteadoras para a educação brasileira, como a que pode ser encontrada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN (BRASIL, 1997), que visam, por exemplo, na Educação Física para o Ensino Fundamental, estabelecer objetivos e orientar a transmissão de conteúdos da cultura corporal nas escolas compreendendo, além do aspecto biológico, as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais. Assim, mais recentemente há também o caso da Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (BRASIL, 2017), que inclui a Educação Física na área de Linguagens no Ensino Fundamental, tendo em vista desenvolver a expressividade dos estudantes através das práticas corporais, a fim de promover vivências lúdicas, emotivas, estéticas e sociais (MACHADO; FONSECA; MEDEIROS; FERNANDES, 2021).

Todas as propostas e diretrizes pedagógicas acima mencionadas, no entanto, não haviam elencado considerações relativas ao ensino remoto na Educação Física escolar, por exemplo. Fator que, em parte, pode ter gerado impasses aos educadores no sentido de que modo abordar as temáticas e atividades típicas da área para a condução das aulas. Se, por um lado, as teorias e as experiências anteriores representam arcabouços importantes, por outro, a nova realidade ofuscada pela emergência de uma pandemia gerou impasses à Educação Física no contexto de aulas não presenciais, os quais serão mais bem relatados na sequência.

Apesar disso, as diferentes concepções presentes na área do conhecimento da Educação Física podem contribuir para a diversificação das aulas e a realização das adaptações necessárias conforme cada instituição escolar de ensino. Creio, então, ser possível não se enclausurar numa única perspectiva ao manter uma postura de abertura ao diálogo e troca de saberes entre as propostas, permitindo flexibilizar-se diante das distintas concepções, sem necessariamente comprometer-se com determinada rotulação.

### 2.1.3 O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: a alternativa para a retomada e continuidade das aulas

Com a pandemia do novo coronavírus, as aulas das redes básicas de ensino sofreram, inicialmente, com o fechamento de suas portas para, na sequência, conforme medidas emergenciais que buscassem minimizar o

impacto da perda das aulas na formação e na rotina dos alunos e professores, implementar o ensino remoto. Essa modalidade caracteriza-se pela oferta de aulas virtuais a partir do uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), como é o caso dos celulares e computadores, cujos servidores conectados à internet têm permitido tal interação. E, a partir disso, aplicativos de conversa - como o *WhatsApp* - , redes sociais - como o *Facebook* e o *Instagram* - , bem como provedores de e-mail e plataformas para reuniões virtuais - como o *Google Meet*, *Google Classroom*, *Zoom*, *Skype* - foram bastante requisitados como meios para a retomada e o prosseguimento das aulas (MACHADO; FONSECA; MEDEIROS; FERNANDES, 2021).

Ainda de acordo com Machado *et al.* (2021), em outros casos, porém, algumas famílias de alunos que não têm acesso à internet puderam retirar materiais elaborados pelos professores na própria escola, respeitando medidas como o uso de máscaras, o distanciamento social e evitando aglomerações. Fato esse que, por si só, já demonstra um cenário de desigualdade no acesso a tais meios de conexão virtual.

Pelo olhar dos professores e educadores, a carga de trabalho e planejamentos ora desenvolvidos na escola passaram a invadir suas casas, podendo afetar a rotina de todos que coabitam no mesmo lar. Aos alunos, também, que se mostraram muitas vezes inibidos e desmotivados para abrirem suas câmeras e a participar com maior interação e dinâmica ao longo das aulas. Os saberes corporais na Educação Física acabaram, desse modo, permitindo maior espaço a conteúdos transversais, ou envolvendo temas da área, só que a partir de um viés mais conceitual e histórico (MACHADO; FONSECA; MEDEIROS; FERNANDES, 2021). Fato esse que não é um problema em si, mas acaba por descaracterizar e restringir as possibilidades convencionais de se dar aulas na Educação Física. Assim, o movimento acabou sendo prejudicado e perdeu parte de sua força como impulso gerador e motivador no decorrer das aulas, bem como as relações de afeto, cooperação e convivência, que sofreram abalos significativos.

Conforme as pesquisas de Pedrosa e Dietz (2020), alguns comportamentos observados pelas famílias dos alunos revelaram sentimentos como ansiedade e irritabilidade, além de desânimo, tristeza e também saudades da escola, dos colegas e professores. Diante disso, decorre maior

falta de atenção naquilo que é transmitido virtualmente, juntamente com o desinteresse na realização das tarefas. Esse processo associa-se, entre outras coisas, à falta de interpessoalidade e vínculo existente que, no ensino presencial, é mais possível de ser sanada ou atenuada. Além disso, a realidade de cada lar, a depender das condições de vida social, alimentação, saúde mental e qualidade do convívio certamente interferiram, gerando impactos e desconfortos múltiplos nas rotinas e nas motivações de cada um.

As dificuldades inerentes à implementação do ensino remoto remontam à falta de uma experiência pregressa maciça semelhante ao longo do percurso histórico da educação pública brasileira, não ensejando maiores desenvolvimentos no sentido de capacitar os professores para a transmissão de aulas no formato remoto. Do mesmo modo, os avanços tecnológicos do qual dependem a continuidade das aulas realizadas de forma remota também são invenções relativamente recentes e que ainda não foram tão exploradas e disseminadas pelo ensino público a nível nacional (SILVA; SILVA, 2020).

Esses são alguns percalços e realidades com as quais a educação no país se deparou nas mais diversas regiões. As angústias, as inquietações, o sentimento de despreparo e ao mesmo tempo a tarefa de ter que se adaptar de forma tão repentina a um contexto global de calamidade e indefinições podem gerar uma série de impactos e constrangimentos a todos os envolvidos no processo de educação. O reinventar-se e a busca por novas formas de conduzir a vida, a rotina e a continuidade das aulas representaram a via principal no sentido de encontrar soluções e experimentar maneiras alternativas para superar as adversidades provocadas pela situação de pandemia (GODOI; KAWASHIMA; GOMES, 2020; NEVES, 2020).

No caso específico da Educação Física enquanto componente curricular, o principal impacto durante o período de ensino remoto emergencial provocado pela situação de pandemia foi, certamente, a necessidade do distanciamento social. Pois é um fator que carrega uma série de outros, desde a própria constituição histórica enquanto disciplina escolar até o modelo de aulas à distância que, se por um lado são capazes de unir as pessoas, permitir trocas e interações virtuais, também excluem significativa parcela da população, que dispõe de possibilidades de acesso limitadas ou até mesmo inexistentes (FERREIRA; OLIVEIRA; SILVA, 2020; SILVA; SILVA, 2020).

Além disso, outro ponto marcante é que, para além da diminuição na quantidade de alunos (supostamente) ouvintes, baixas interações e diminuição do controle do professor quanto à capacidade de perceber feedbacks instantâneos, pois com as câmeras e os áudios desligados, assim como as escritas em chat, nem sempre demonstravam participações mais interativas, capazes de esboçar reações expressivas observáveis às percepções dos sentidos (FERREIRA; OLIVEIRA; SILVA, 2020; GODOI; KAWASHIMA; GOMES, 2020; SILVA; SILVA, 2020).

O caráter, a princípio, provisório de aulas remotas também gerou dúvidas, inseguranças e afetou os níveis de participação, motivação e aprendizado dos alunos. Mas não somente deles. Os professores também sofreram com sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento de suas atribuições e nem sempre foram devidamente compreendidos diante de suas angústias e inquietações enquanto seres humanos e trabalhadores da educação (GODOI; KAWASHIMA; GOMES, 2020).

Ademais, segundo Godoi, Kawashima e Gomes (2020, p. 90), em referência aos professores de Educação Física: “[...] um dos desafios apontados pelos professores foi a adaptação para as aulas *online* e dominar as ferramentas tecnológicas”. Esses mesmos professores também reconhecem que a transição repentina do ensino presencial para o ensino remoto exigiu um período de adequação insuficiente, a ponto de aflorar sentimentos de ansiedade, insegurança e apreensão em suas rotinas profissionais. Nesse misto de emoções, além da constatação da diminuição da participação dos estudantes nas aulas e a dificuldade em propor formas apropriadas de avaliação dos mesmos, também acreditam que a Educação Física sofreu um processo de relativa perda da sua identidade nesse novo contexto (GODOI; KAWASHIMA; GOMES, 2020).

Contudo, há que se colocar em evidência o papel benéfico que a Educação Física pode oferecer, apesar das limitações, na conjuntura de pandemia, propondo a realização de exercícios físicos regulares aos alunos, mesmo em seus ambientes domésticos, buscando maior interação e estimulando-lhes para que se mantenham ativos na medida em que recebem incentivos e instruções diversas ligadas a aspectos práticos da cultura corporal como, por exemplo, os esportes, a ginástica, as lutas, as danças, os jogos e as

brincadeiras populares (VIEIRA; COSTA; NEGRÃO; MONTEIRO-SANTOS, 2021).

Ainda assim, os principais desafios observados pelos professores de Educação Física envolvem o reconhecimento das limitações de aprendizagem a partir do meio virtual, sobretudo por considerarem que a Educação Física se trata, conforme Reis, Moura, Cunha e Conceição (2020, p. 24):

[...] de uma disciplina cuja característica principal está pautada em atividades de natureza motoras ativas, como andar, correr, saltar, pular, utilizando-se das capacidades físicas, como resistência muscular, força, flexibilidade, agilidade, velocidade e equilíbrio, além das suas relações interpessoais e da exploração da sua expressão corporal. Tudo isso causou certo desconforto em termos de aplicabilidade das atividades em função dos espaços inapropriados para a sua execução.

Relatos de experiência que abordam narrativas carregadas de subjetividade e sensações alavancadas pelos impactos sociais da pandemia, considerando as mudanças na forma de se conduzir a educação no país receberam destaques na perspectiva de professores. Os desafios na promoção de aulas remotas referem-se, sobretudo, aos pronunciamentos de alunos, que se queixavam da dificuldade em compreender os conteúdos sem a presença do professor para um atendimento mais pessoal; ou em relação à qualidade dos equipamentos digitais e o fato de terem que compartilhá-los com outros familiares; ou até mesmo sobre o pouco tempo para estudar, uma vez que, no momento de crise, muitos tiveram a necessidade de trabalhar para auxiliar a família; além daqueles que relataram dificuldades de concentração devido às inúmeras distrações que encontravam em seus ambientes domésticos (RODRIGUES, 2020; VIEIRA; COSTA; NEGRÃO; MONTEIRO-SANTOS, 2021).

Do mesmo modo, a própria experiência do autor desta pesquisa corrobora com os achados encontrados em diversos outros relatos. Ao longo do prosseguimento da graduação de Licenciatura em Educação Física, pela Universidade Federal de Santa Catarina, tais desafios puderam ser vivenciados, sobretudo, nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, as quais requisitavam o envolvimento de iniciação no processo de dar aulas para alunos do Ensino Fundamental pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A aposta em aspectos referentes a temáticas transversais e

conteúdos mais teóricos foram recorrentes para a elaboração de propostas de aulas, ao mesmo tempo em que se buscou explorar novos modos de abordar a Educação Física enquanto componente curricular na conjuntura do ensino remoto emergencial.

Trata-se, portanto, de um painel que abrange muitas realidades e é capaz de contemplar distintas percepções acerca de como foram impactadas as rotinas a partir do contexto de aulas remotas na educação escolar: a monotonia dos dias, as angústias, o bombardeio de notícias e todos os cuidados constantemente reafirmados para a prevenção do contágio, sem contar outros desafios particulares que se impuseram a cada um de nós. Conflitos esses que, em muitas ocasiões, apesar de tudo, a própria escola encarregou-se do papel de suprir carências e auxiliar na orientação dos alunos quanto a suas expectativas e frustrações, além de diversos outros problemas vivenciados nas relações com os pais/responsáveis e/ou outros familiares. Nota-se, com isso, a importância de reafirmar a valorização da instituição escolar e da classe docente como sustentáculos essenciais para a formação cidadã no Brasil (FERREIRA; OLIVEIRA; SILVA, 2020; SILVA; SILVA, 2020).

Assim, no capítulo Discussões Resultantes deste trabalho de pesquisa encontram-se relatadas experiências pessoais do próprio autor, ao mesmo tempo em que são consideradas as participações dos demais sujeitos envolvidos nos processos de ensino, como colegas, professores e também alunos, entre outros aspectos contextuais. Evidentemente, delimitações são necessárias e, por isso, os recortes mais marcantes e significativos na perspectiva do autor encontram-se destacados. Em tempo, já no próximo capítulo, aspectos imprescindíveis a respeito de novos paradigmas a orientar os estudos científicos são evidenciados, contemplando novas concepções teórico-metodológicas que podem vir a se aliar cada vez mais aos olhares a partir da Educação Física escolar.

### 3. ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta perspectivas emergentes em relação ao paradigma científico que tem regido os últimos séculos de avanços e descobertas tecnológicas, mas que, por outro lado, também repeliu as subjetividades que compõem a essência cognitiva, intuitiva e emocional de cada indivíduo. Assim, este estudo busca reconsiderar a multidimensionalidade humana, que se encontra presente na concepção teórico-metodológica de condução da pesquisa.

#### 3.1 COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE: um novo olhar sobre os fenômenos

As questões aqui tratadas dizem respeito a uma fase posterior em relação a que representou a gênese desta pesquisa. Desse modo, as contribuições destacadas a partir de uma introdução ao entendimento do que é a complexidade e a transdisciplinaridade levaram a revisões significativas em toda a concepção do trabalho. E, certamente, merecem um tópico à parte, pois envolvem a incorporação de perspectivas abordadas através de um novo paradigma científico. Desse modo, estão presentes elementos e noções que buscam preencher lacunas em termos de compreensões mais contextualizadas do conhecimento, a superar fragmentações e reducionismos, permitindo articular diferentes enfoques de pesquisa numa mesma proposta de investigação.

Assim, o paradigma de pensamento cartesiano-newtoniano, fundador da ciência moderna, permanece ainda predominante há mais de quatro séculos, sobretudo referente às temáticas de pesquisa que se encontram mais alinhadas às ciências naturais e exatas. Ocorre, porém, que tal modelo opera fragmentando o saber, isolando informações e conhecimentos, separando-os para que sejam analisados à parte e de forma cada vez mais especializada. Contudo, ainda que se trate de um paradigma que, evidentemente, operou importantes avanços tecnológicos ao longo dos últimos séculos, também atuou relegando as dimensões subjetivas a planos marginais e dispensáveis. E, com isso, inibiu que fossem estimuladas conexões mais amplas do conhecimento,

capazes de articular diferentes áreas do saber, obtendo visões mais globais e interconectadas da realidade (MORAES, 2015; MORIN, 1994, 2015b; SANTOS, 2008; SOMMERMAN, 2011).

Quanto a isso, a racionalidade cartesiana-newtoniana, fundamentada no mecanicismo, no determinismo, na causalidade linear e na lógica clássica, também se desenvolveu através da tentativa de dissociação entre sujeito e objeto. Trata-se, portanto, de um paradigma simplificador, que opera através de princípios de disjunção, redução e abstração, no qual determinado objeto de estudo é tomado de forma isolada de seu contexto para, enfim, ser analisado de modo separado e a desconsiderar as subjetividades do investigador (MORIN, 2015b; NICOLESCU, 1999).

Entretanto, com a revolução científica no início do século XX, fomentada pelas descobertas da física quântica<sup>1</sup>, a partir do estudo de partículas elementares envolvendo as relações entre observador e objeto observado durante os processos de observação, revelou uma relação ainda mais complexa entre a microfísica e a macrofísica. Isso porque o modelo científico moderno e tradicional supunha a possibilidade de haver um observador discreto, destacado do evento observado e que poderia, a partir de inferências, postular leis objetivas que pudessem ser consideradas inequivocamente. Contudo, os estudos confirmaram que, na verdade, o observador influi no objeto, assim como o objeto também interfere no sujeito que o observa. Dessa forma, tanto um quanto outro podem ser considerados sistemas abertos em processo de interdependência. Ou seja, encontram-se, assim, conectados em nível quântico (MORAES, 2019; NICOLESCU, 1999).

Das explicações acima decorrem repercussões com implicações ontoepistemológicas, em que o entrelaçamento do ser e da realidade repercutem diretamente nas relações entre indivíduo e contexto. Assim sendo, cada sujeito, como parte da realidade, pode ser compreendido em sua totalidade somente a partir das relações com o meio em que vive, bem como vinculado aos condicionantes que estão atrelados à sua trajetória de vida. O que, conseqüentemente, implica que a objetividade, enquanto critério absoluto de cientificidade, torna-se questionável, uma vez que sujeito e objeto estão,

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes, ver NICOLESCU, 1999.

necessariamente, conectados intersubjetivamente durante, por exemplo, os processos de observação e análise de uma pesquisa científica (MORAES, 2019; MORIN, 2015b; NICOLESCU, 1999; SOMMERMAN, 2011).

A partir disso, o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin elenca uma série de operadores cognitivos, na forma de diretivas para um pensamento complexo e unificador, sendo cada um deles complementar e interdependente aos demais. Dentre eles, podem ser considerados alguns na forma de princípios, a saber: princípio *dialógico*, que associa termos antagônicos e complementares, em busca de superar polaridades e dicotomias, mantendo a dualidade no seio da unidade; princípio *recursivo-organizacional*, cuja causalidade circular promove a dinâmica auto-organizadora, na qual causa é efeito e produto também é produtor; e princípio *hologramático*, em que não somente a parte está no todo, mas o todo também está inscrito nas partes, ou seja, estão interligados e não podem ser compreendidos inteiramente de forma separada (MORAES, 2015, 2019; MORIN, 2000, 2015b).

Desse modo, o paradigma da complexidade encontra-se diretamente relacionado com a abordagem transdisciplinar, que não atua a compartimentar e fragmentar as diferentes disciplinas, mas busca compreensões de fundo em comum, que atravessam a todos os componentes de alguma forma, integrando conhecimentos e procurando preencher lacunas que deem sentido aos questionamentos e inquietações que envolvem os sujeitos no mundo em atual estado de globalização (MORAES, 2015; MORIN, 2015a, 2015b; NICOLESCU, 1999; SANTOS, 2008; SANTOS; SANTOS, 2009; SOMMERMAN, 2011).

Para tanto, é essencial conformar que cada sujeito humano encontra-se inserido em uma realidade complexa a ser conhecida, na qual partilha de conhecimentos e experiências com outros sujeitos, mas que também possui singularidades irreduzíveis que lhe conferem identidade, situando-o em seus próprios níveis de percepção e compreensão da realidade. Assim, a perspectiva transdisciplinar conduz a uma epistemologia do sujeito, na qual se reconhece as implicações complexas existentes nas interações intersubjetivas, seja entre sujeitos ou entre sujeitos e objetos, bem como com os mais variados contextos envolventes. Isso sem jamais deixar de considerar a individualidade subjetiva e particular de cada um (MORAES, 2019; NICOLESCU, 1999).

Nesse sentido, a transdisciplinaridade representa um passo além numa

escala de abrangência e articulação entre os conhecimentos. Não se trata, contudo, de atribuir superioridade ao conhecimento que se qualifique de tal modo, mas de reconhecer os limites que as fronteiras disciplinares nos oferecem ao considerar-mo-nos seres humanos integrais. Ainda assim, a transdisciplinaridade não relega a disciplinaridade a um conhecimento subalterno ou substituível, mas considera ambas as perspectivas mutuamente complementares, e que, associadas, tendem a contribuir para a geração de conhecimentos, ao mesmo tempo que especializados, também mais relacionais, globais e profundos (MORAES, 2015, 2019; NICOLESCU, 1999).

É preciso, portanto, considerar diferentes dimensões constitutivas da nossa humanidade e que se encontram presentes na vida cotidiana. Dimensões essas que, muitas vezes, não são tão previsíveis, estritamente testáveis e manipuláveis e, por isso mesmo, até desprezadas cientificamente. Nossos sentimentos, emoções e intuições, que também nos guiam os pensamentos e as ações, tendem a ser ignorados pelo paradigma moderno, negligenciando as variadas possibilidades complexas de intercomunicações da qual nós, seres humanos, somos capazes de experienciar subjetiva e intersubjetivamente. A partir disso, é preciso, então, pontuar que a incerteza, o erro e a imprevisibilidade também são elementos inerentes à própria constituição da realidade complexa a qual estamos envolvidos (BEHRENS, 2019; MORAES, 2015, 2019; MORIN, 1994, 2015a, 2015b; NICOLESCU, 1999; SANTOS, 2008).

Diante de tudo isso, a partir de proposições do físico teórico romeno Basarab Nicolescu (1999), evidencia-se aquilo que o autor considera como sendo os três pilares amparadores da perspectiva transdisciplinar. São eles: a existência dos *níveis de realidade*, ou seja, que a realidade comporta múltiplas dimensões, e não apenas uma; a *lógica do terceiro incluído*, que se trata de uma lógica ternária que admite a possibilidade de contradições não excludentes, a depender dos diferentes níveis de realidade, sendo também complementar à lógica clássica (binária); e a própria *complexidade*, fator indissociável para promover a articulação e multirreferencialidade entre os saberes enquanto sustentáculo da abordagem transdisciplinar.

Em suma, complexidade e transdisciplinaridade podem ser consideradas inseridas numa unidade complementar. Aliás, como já dito, a complexidade

encontra-se embutida enquanto um dos pilares da proposta transdisciplinar, em busca da emergência de um novo paradigma científico a orientar o pensamento humano (MORAES, 2015; NICOLESCU, 1999). Assim, espera-se que as noções e os conceitos aqui elencados conttenham o poder de engendrar transformações e inspirar que outros olhares, mais despertos para compreender o mundo presente, possam vir a colaborar com a diluição de tantas fronteiras que dividem o saber humano, sem necessariamente eliminá-las, mas situá-las através de pontos de vista provenientes de, por exemplo, contextos de experiências vivenciados ao longo do período de ensino remoto emergencial por um acadêmico na Educação Física escolar.

Desse modo, considera-se cada vez mais necessário incorporar o pensamento complexo em teorizações pertencentes ao campo científico da Educação Física no Brasil, permitindo-se que, através de uma perspectiva transdisciplinar, seja possível promover interconexões ontológicas, lógicas e epistemológicas, a transitar por entre as fronteiras das Ciências Humanas e Ciências Naturais (FERES NETO; JOÃO, 2019; GAYA, 2008; MORAES, 2015; MORIN, 2000; NICOLESCU, 2019; PEREIRA, 2021; SILVA, 2020a).

### 3.2 TRANSCURSO METODOLÓGICO: o intrincamento dos caminhos do estudo

Trata-se de um estudo de caráter predominantemente qualitativo, descritivo e exploratório, cujas fontes bibliográficas e documentais fornecem informações e conhecimentos a respeito de aspectos que lançam luzes ao momento presente (GIL, 2002; MINAYO, 2009). Este que, por sua vez, também se configura como objeto de investigação a partir de dados e publicações recentes sobre a pandemia atual de Covid-19 e as conseqüentes implicações no cotidiano de trajetórias humanas, incluindo a do próprio autor, com ênfase em experiências ocorridas durante o período de ensino remoto emergencial ao longo do processo de conclusão da graduação no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (GOLDENBERG, 2004).

Para tanto, a investigação em pesquisas históricas que tratam dos impactos da Gripe Espanhola nas relações sociais e na educação constitui

importante ponto de partida desenvolvido na revisão narrativa, com o intuito de cotejar outro panorama pandêmico ocorrido há cerca de um século, tendo em vista favorecer a elucidação de questões no tempo vigente, sobretudo relacionadas às repercussões socioeducacionais provocadas pela pandemia do novo coronavírus (RICHARDSON, 2012).

As primeiras leituras realizadas foram artigos de revistas e publicações sugeridos pela orientadora e co-orientadora deste trabalho, assim como através de buscas não sistemáticas no Portal de Periódicos CAPES, no Google Acadêmico, SciELO e LILACS, tendo em vista propiciar maior repertório para lidar com a temática inicialmente pretendida, mais voltada para o estudo histórico da pandemia de Gripe Espanhola e suas possíveis correlações com a Educação Física escolar. Por conseguinte, o estudo de artigos em revistas digitais envolvendo a pandemia de Covid-19, coletados também a partir das bases de dados mencionadas acima, foram essenciais, assim como pesquisas no buscador Google, sobretudo no caso de notícias e reportagens a respeito do cenário pandêmico do tempo presente e os consequentes impactos no contexto educacional nacional e regional ao longo do período de ensino remoto emergencial.

Assim, tais buscas, em muitas ocasiões, ocorreram a calhar de modo bastante informal e não sequencial, de acordo com as intenções de pesquisa envolvendo os conteúdos da revisão de literatura, a procura de exemplos de estudos elaborados a partir do pensamento complexo e da transdisciplinaridade (no contexto educacional brasileiro e, em especial, na Educação Física escolar), bem como a depender das reorganizações requisitadas pelas próprias discussões e interferências sugestivas oferecidas pela coorientadora e orientadora deste trabalho, sempre em busca de expandir a multirreferencialidade e reativar memórias, envolvendo as mudanças e novidades cotidianas provenientes do panorama atual, também a partir de representações midiáticas a respeito.

A propósito e, também a nível de contextualização, já depois de ter realizado as principais experiências no ensino remoto e começado a escrever este trabalho de conclusão de curso na graduação, por sugestão da minha orientadora, passei a estudar conteúdos e ler livros do autor Edgar Morin. Fato esse que, de forma oportunamente significativa, levou-me a entrar em contato

com a perspectiva teórica da complexidade e, conseqüentemente, com a transdisciplinaridade, que se encontram intimamente vinculadas, realizando também a leitura de coletâneas de artigos compilados em livros sobre a temática. E, apesar de não ter a consciência prévia dessas concepções e suas possibilidades de aplicação nas propostas de aulas na Educação Física escolar ao longo do ensino remoto emergencial, porém, retroativamente, através da memória e a partir de análises das atividades produzidas durante esse período, foi possível reorganizar as demandas, assim como descrever e interpretar algumas questões a respeito da complexidade dessas vivências (MORAES, 2015, 2019; MORIN, 2015b).

Desse modo, o material empírico utilizado para as análises e discussões compreendem as tarefas solicitadas pelos professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares cursados remotamente durante o período acadêmico em Licenciatura na Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tais documentos envolvem, portanto, atividades de fichamentos, sínteses, resumos expandidos, resenha, construção de planos de aula, gravação de vídeos tutoriais, montagem de ficha de avaliação física, avaliações discursivas e de múltipla escolha, respostas a fichas de avaliação, elaboração de projeto de pesquisa, produção de memorial (auto)biográfico, trabalho de conclusão de estágio, análises de conjuntura, planejamentos de intervenção e relato de experiência.

### 3.3 ANÁLISE SUBJETIVA E TRANSDISCIPLINAR

O viés subjetivo desta proposta de pesquisa, entre idas e vindas, retomadas e recomeços, arrefecimento de paradigmas e desordens, mas também de reorganizações, inspirações e novas interpretações, prolonga-se num caminho sempre em busca de um fio condutor narrativo para se guiar por entre os labirintos e emaranhados que desenham a complexidade da existência cotidiana da qual fazemos parte enquanto sujeitos socialmente interdependentes, em “tempos covídicos”. Desse modo encontra-se o enquadramento do ensino remoto emergencial no percurso da Educação Física escolar através de experiências vivenciadas intersubjetivamente, e que são relatadas a partir do esforço recursivo da memória, da leitura dos registros

produzidos durante o período, e também das principais impressões e compreensões geradas (MORAES, 2015; SCHERRE, 2015).

Para tanto, novamente, é fundamental atentar-se de que há diferentes graus de transdisciplinaridade, que podem variar de acordo com a maior ou menor satisfação relacionada aos três pilares já mencionados. Assim sendo, também é preciso esclarecer o que se define como pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Segundo o autor romeno Basarab Nicolescu, a pluridisciplinaridade envolve o estudo de um determinado objeto de uma única disciplina por outras disciplinas ao mesmo tempo, enriquecendo esse objeto através do cruzamento de diferentes olhares, porém, a finalidade ainda permanece inscrita na estrutura disciplinar de pesquisa. Num outro sentido, a interdisciplinaridade refere-se à transferência de métodos de uma disciplina para outra, podendo se ramificar em níveis correspondentes ao grau de aplicabilidade, ao grau epistemológico, até ao grau de criação de novas disciplinas, permanecendo ainda, porém, inscrita na estrutura de pesquisa disciplinar. Por outro lado, a transdisciplinaridade envolve aquilo que está entre, através e além das disciplinas, tendo como meta a compreensão do mundo presente (GAYA, 2008; NICOLESCU, 1999; SOMMERMAN, 2011).

Este último aspecto, por sua vez, expressa um detalhe que foi essencial na escolha da abordagem transdisciplinar para, em última instância, orientar as perspectivas deste estudo, no qual também se busca um melhor entendimento do mundo contemporâneo e das próprias singularidades vividas em tempos de pandemia, porém, sem deixar de sobressaltar as especificidades encontradas nos relatos de experiência produzidos pelo autor desta pesquisa na Educação Física escolar, durante o período de aulas no ensino remoto emergencial pela Universidade Federal de Santa Catarina, bem como outras três diferentes instituições municipais da Educação Básica de ensino da cidade de Florianópolis.

Assim, apesar de ser considerado o contexto histórico global recente de pandemia e as relações de interdependência diversas ocorridas entre os sujeitos, as vivências contidas ao longo do próximo capítulo tendem a lançar um olhar que é essencialmente particular ao autor deste trabalho. Desse modo, dialogicamente, a perspectiva transdisciplinar relaciona-se com uma visão mais condicionada à Educação Física, sempre mediada pela própria interferência

subjetiva do autor e de acordo com seus níveis de percepção, compreensão e expressividade através da escrita (GAYA, 2008; MORIN, 2015b).

Para a Educação Física escolar enquanto área do conhecimento e componente curricular de Linguagens, conforme a BNCC (BRASIL, 2017), foi notável como também podem ser exploradas outras abordagens e temáticas de ensino, sobretudo considerando as limitações referentes ao modo de condução das aulas através do ensino remoto emergencial, adotado por redes básicas de ensino do país durante o período mais crítico da pandemia do novo coronavírus (FERREIRA; OLIVEIRA; SILVA, 2020; SILVA; SILVA, 2020).

Desse modo, as vivências e observações realizadas pelo autor desta pesquisa estão carregadas de enfoques que permeiam as experiências de aulas no campo da Educação Física, envolvendo olhares abrangentes e afetados pelo atravessamento transdisciplinar, sendo possivelmente considerado um meio fecundo, ainda que de forma inconsciente, para que os planejamentos e as estratégias de ensino pudessem emergir de maneira mais fluida e significativa através dos encontros e das dinâmicas nas aulas virtuais (CASELLI; FERRAZ, 2017; GAYA, 2008; NICOLESCU, 1999; PAULA; SUANNO, 2016; PEREIRA, 2021).

Assim sendo, os relatos de experiências descritos no próximo capítulo estão embasados nos registros das atividades realizadas, dos relatórios produzidos e das principais observações rememoradas, sobretudo envolvendo os componentes curriculares de Estágio Supervisionado em Educação Física I e II. Para, enfim, no último subcapítulo do próximo tópico, aprofundar discussões e conexões que aspiram a um saber transdisciplinar, remetendo-se a processos complexos vivenciados por sujeitos em relação a outros sujeitos, bem como também em relação aos seus contextos de entorno.

#### 4. DISCUSSÕES RESULTANTES

Na educação brasileira, a exemplo da conjuntura provocada pela Gripe Espanhola, as aulas presenciais foram suspensas, a princípio, por tempo indeterminado, só que, dessa vez, por conta da disseminação de outro patógeno, o novo coronavírus (KIND; CORDEIRO, 2020; SANTA CATARINA, 2020b; SANTOS, 2021; SCHLEMPER JUNIOR; DALL'OGGIO, 2011). As escolas e as famílias tiveram de reorganizar suas rotinas, repensar estratégias e redefinir prioridades para enfrentar esse novo impasse. Com maior ou menor agilidade, as escolas e também as universidades foram retomando a continuidade das aulas, mas de forma remota. Isso graças ao desenvolvimento tecnológico operado nas últimas décadas, que vem permitindo explorar o uso de interfaces digitais para a condução de aulas virtuais (MACHADO; FONSECA; MEDEIROS; FERNANDES, 2021; PEDROSA; DIETZ, 2020; SILVA; SILVA, 2020). Comparado a um século atrás, quando houve outra pandemia, essa possibilidade não existiu como alternativa.

Entretanto, mesmo diante da conjuntura pandêmica mais recente, nem todas as famílias puderam propiciar condições favoráveis para que seus filhos participassem das aulas, tanto pela ausência de locais domésticos adequados, quanto pela indisponibilidade de equipamentos eletrônicos e de sinal de internet de qualidade; assim como, também, o fator motivacional em baixa. Além disso, desigualdades sociais arraigadas em nossa sociedade também exigiram que muitos desses alunos passassem a ajudar mais em casa com trabalhos domésticos, ou até mesmo auxiliar a família em busca de atividades remuneradas para contribuir com as despesas familiares (MACHADO; FONSECA; MEDEIROS; FERNANDES, 2021; NEVES, 2020; VALENCIO, 2020; VIEIRA; COSTA; NEGRÃO; MONTEIRO-SANTOS, 2021).

Ou seja, é preciso reconhecer que as vivências e os contextos específicos de realidade são múltiplos, e também, no meu caso, agradecer ao privilégio de ter realizado experiências no ensino remoto em situação de segurança e conforto material, ainda que tantas outras dúvidas, angústias e inquietações tenham se afluído no caminho.

Assim, as descrições a seguir buscam, em última instância, amparar-se numa perspectiva transdisciplinar através de uma análise retroativa, que

complexamente atravessa e une o encontro dos diferentes enfoques de cada subcapítulo, reintroduzindo aspectos da própria subjetividade ao longo do enredo narrativo da escrita (MORAES, 2019).

#### 4.1 ENQUANTO ESTUDANTE NA GRADUAÇÃO

Nesse quesito, portanto, apesar de alguns colegas terem trancado o curso por diversas questões pessoais, entre elas o fato de considerarem que o impacto do ensino remoto na Educação Física seria muito significativo a ponto de não valer a pena a experiência e preterindo outras prioridades durante o período, porém, eu, assim como tantos outros colegas, mantivemos a matrícula e a continuidade na graduação tendo aulas através do ensino remoto emergencial.

Assim, em 31 de agosto de 2020 foi inaugurado o Calendário Acadêmico Suplementar Excepcional dos Cursos de Graduação, referente ao primeiro semestre letivo de 2020. Calendário esse que, após passar por processos de reorganização, foi aprovado pelo Presidente do Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, o Reitor Ubaldo Cesar Balthazar, através da Resolução nº 12/CUn/2020 (MEC, 2020b).

Passando, então, a narrar mais propriamente as minhas impressões individuais, essa modalidade provisória para a condução das aulas de Educação Física na UFSC, porém, gerou algumas questões e até certo incômodo. Se, por um lado existe o benefício de ter aulas a partir do conforto do seu lar ao mesmo tempo em que se permanece seguro e livre de aglomerações, por outro, há a ausência do próprio ambiente de ensino que, na Educação Física, muitas vezes é uma quadra de esportes, uma piscina, uma pista de atletismo ou até mesmo um laboratório em que há equipamentos para testes e experimentações práticas. Ou seja, a necessidade do distanciamento social e a conseqüente impossibilidade de manutenção das aulas presenciais não permitiu que tais vivências práticas ocorressem.

A exemplo disso, eu realizei a disciplina da grade curricular do curso de Teoria e Metodologia do Handebol<sup>2</sup> no semestre referente a 2020.1, na qual

---

<sup>2</sup> Código da disciplina - DEF 5844 / Ementa - histórico e evolução do handebol; fundamentação técnica e tática; concepções didático metodológicas de ensino e treinamento no handebol;

foram solicitadas tarefas de cunho mais teórico. Assim, na primeira delas, foi necessário realizar um resumo expandido a respeito dos métodos de ensino-aprendizagem envolvendo a modalidade. No caso do método tradicional, pode ser subdividido em analítico-sintético, que consiste basicamente na fragmentação dos movimentos que compõem o jogo, aplicando-os fora de contexto e em gestos repetitivos, para a memorização e aperfeiçoamento da qualidade na execução; global, que envolve situações simuladas ou reais de um jogo, sendo possível realizar correções, partindo do geral ao específico; e misto, que, como o nome já sugere, alterna entre momentos mais pontuais e repetitivos até jogos reduzidos. Por outro lado, há também o chamado método ativo, no qual os alunos aprendem jogando, de forma mais lúdica e podendo sugerir ideias e formas de execução dos movimentos que, por exemplo, façam parte do dia a dia deles, partindo de suas experiências mais pessoais até chegar aos modos padronizados e típicos da modalidade em questão, mediados e sob a supervisão do professor (GRECO; SILVA; GRECO, 2010).

Com isso, é possível refletir e analisar a respeito dessa atividade teórica na forma como as diferentes metodologias de ensino de uma mesma modalidade podem ser complementares, sem deixar de considerar o público alvo e a faixa etária dos alunos envolvidos. A complexidade implicada tanto no método tradicional quanto no ativo não necessariamente se excluem ou geram barreiras, mas representam alternativas e variações possíveis de serem realizadas em conformidade com os contextos e os sujeitos envolvidos.

Da mesma forma, também foi solicitada a realização de uma segunda tarefa, também no formato de resumo expandido, dessa vez envolvendo técnica e tática do handebol. Nesse caso, são considerados os aspectos técnicos principais da modalidade, a saber: o passe, a recepção, a apreensão, a progressão, o drible, a finta, o arremesso e o bloqueio, que representam gestos mecânicos envolvendo, sobretudo, as ações dos jogadores de linha numa partida de handebol (FERNÁNDEZ; MIRAGAYA; NASCIMENTO, 2010). Já os aspectos táticos envolvem a maneira de dispor os jogadores em quadra, consistindo na formação de uma equipe em sistemas de jogo mais ou menos

---

noções de regras; prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.

defensivos/ofensivos. Assim, a tática pode variar até mesmo ao longo de uma partida e sempre de acordo com estratégias estipuladas pelo treinador, bem como em virtude de alterações realizadas pela equipe oponente, além de possível lesão ou suspensão de algum jogador (FERNÁNDEZ; GRECO; SILVA; GRECO, 2010; FERNÁNDEZ; MIRAGAYA; NASCIMENTO; VILA, 2010).

Ou seja, pelo fato de o handebol se tratar de um esporte coletivo, enquanto a técnica pode ser considerada de forma mais individual, a depender das habilidades específicas de cada jogador, a tática, por outro lado, por mais que dependa também individualmente de cada um, envolve uma organização coletiva maior. Assim, com a união desses dois aspectos, tem-se o essencial para que o trabalho em equipe possa ser desenvolvido com sincronia. Portanto, as dinâmicas envolvidas não dependem apenas de um ou outro, mas da efetividade do conjunto, das relações entre os membros de uma mesma equipe e que buscam objetivos em comum.

Além desses dois resumos expandidos descritos acima, também foram realizados outros, a saber, um envolvendo as regras do handebol e outro sobre análise de jogo da modalidade. A construção de um plano de aula voltado para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental também foi solicitada, no qual optei por escolher os gestos motores do passe e recepção como objetivos da aula, que foi dividida em parte inicial, principal e final. Ademais, a montagem de slides e a posterior apresentação em trio a respeito do mini-handebol também foi uma tarefa a ser produzida, na qual se realizou uma introdução com breve histórico, os objetivos e a importância social, as possibilidades de inserção na escola para alunos de 5 a 10 anos, bem como as regras e adaptações, evidenciando o aspecto lúdico da modalidade.

Em suma, a realização da disciplina de Teoria e Metodologia do Handebol se deu remotamente, com aulas teóricas expositivas e dialogadas, apresentação de conteúdos e vídeos sobre a modalidade, além do convite feito pelo professor para que os graduandos, a partir de quando o ensino presencial fosse retomado, viessem a participar das aulas práticas como maneira de compensar a ausência de tais experiências por conta da situação de pandemia e da necessidade de distanciamento social.

Assim, é preciso reconhecer as limitações envolvidas em todo o processo, além de considerar que se tratava de um professor recente no curso

de Educação Física da UFSC, e que logo de início teve de se adaptar ao formato de ensino remoto emergencial, permanecendo resiliente quanto à impossibilidade de se efetivar o componente prático das aulas, bem como ao fato de que em inúmeras aulas síncronas apenas ele estava aparecendo diante das câmeras para um grupo de alunos que pouco ou nem chegou a conhecer visualmente.

Outra disciplina do currículo que trata de um esporte coletivo, envolvendo aspectos eminentemente práticos, é a de Teoria e Metodologia do Voleibol<sup>3</sup>, cursada por mim também no formato de ensino remoto emergencial, no semestre referente a 2020.2, na qual foram solicitadas majoritariamente tarefas teóricas, mas que também envolveu a gravação de vídeos tutoriais sobre a modalidade.

Desse modo, num primeiro momento foi pedido para que se realizasse uma síntese a respeito do desenvolvimento histórico do voleibol. Num momento seguinte, foi solicitado também um resumo, só que dessa vez sobre o processo de especialização funcional e as diferentes posições no voleibol, em que se reflete sobre a variação referente às etapas de especialização na modalidade conforme a maturidade dos atletas, bem como de acordo especificamente com cada posição. Também, outra síntese, a respeito das principais características, vantagens e desvantagens dos diferentes sistemas táticos da modalidade foi requerida.

Além dessas mencionadas acima, outra síntese, referente aos métodos de ensino utilizados pelo voleibol foi solicitada, a saber, envolvendo o método de progressão de exercícios, o de progressão de jogos e o situacional. No primeiro caso, trata-se de um método que visa incorporar gestos técnicos e elementos táticos, partindo para uma familiarização gradual com os diversos estímulos presentes nas situações que envolvem um jogo de voleibol. No segundo caso, trata-se de uma abordagem que parte do aprender a jogar jogando, priorizando a contextualização dos elementos do jogo para, gradualmente, refinar e aprimorar os fundamentos técnicos e táticos. No terceiro caso, trata-se de isolar situações específicas de jogo, reduzindo a

---

<sup>3</sup> Código da disciplina - DEF 5847 / Ementa - histórico e evolução do voleibol; fundamentação técnica e tática: sistemas ofensivos e defensivos; elementos básicos e aspectos metodológicos do ensino do voleibol; noções de regras; prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.

complexidade da dinâmica que envolve uma partida como um todo e priorizando recortes pontuais a serem trabalhados (COSTA; NASCIMENTO, 2004).

Novamente, assim como no caso dos métodos de ensino utilizados no handebol, esses também podem ser considerados de forma complementar, não se encontrando restritos apenas a uma modalidade esportiva ou outra. É possível, então, variar as abordagens, a depender da faixa etária do público alvo, assim como das especificidades presentes em cada grupo de alunos.

Além dessas atividades, também foi solicitada a realização de gravações de vídeos nas quais se deveriam apresentar explicações orais e demonstrações didáticas a respeito de dois diferentes fundamentos técnicos do voleibol, a serem escolhidos. Eu optei por fazer sobre os fundamentos do toque e do bloqueio. Cada vídeo teve cerca de um minuto, sendo que foi uma tarefa que eu fiz dentro do meu quarto, realizando a gravação com a câmera do notebook, e a bola, que eu acabei comprando apenas por conta dessa atividade, chegou a bater na luminária do teto durante as tentativas para as filmagens. Ademais, também foi solicitada a elaboração da resenha de um filme, a ser escolhido entre uma lista de sugestões enviadas pelo professor.

No geral, as aulas remotas da disciplina de Teoria e Metodologia do Voleibol envolveram menor oferta de encontros síncronos, se comparada com a disciplina de Teoria e Metodologia do Handebol e, por isso, também menos oportunidades de conversas durante os períodos de aulas. Porém, o formato de aulas expositivas e dialogadas, com a apresentação de conteúdos em slides e de vídeos, assim como a demanda de atividades, foram bastante semelhantes, com a diferença de que no caso de Teoria e Metodologia do Voleibol houve a solicitação de gravação de vídeos tutoriais da modalidade, tendo como exemplos de modelos as gravações de trechos de aulas práticas fornecidas e ministradas pelo próprio professor.

Outro exemplo em que o formato de ensino remoto emergencial impediu certas experiências importantes e complementares foi durante a realização da disciplina curricular obrigatória de Medidas e Avaliações em Educação Física A<sup>4</sup>, realizada por mim no semestre referente a 2021.1.

---

<sup>4</sup> Código da disciplina - DEF 5821 / Ementa - teste, medida e avaliação em Educação Física: conceitos e princípios básicos; tipos de testes utilizados em Educação Física; características

Assim sendo, a princípio, os encontros virtuais estavam sendo de forma síncrona, correspondendo ao horário previsto para as aulas. Posteriormente, o professor da disciplina passou a gravar as aulas expositivas dos conteúdos, disponibilizando para os graduandos assistirem no momento de preferência, permitindo também possibilidades de aberturas a dúvidas e maiores esclarecimentos, assim como fornecendo conteúdos em slides e textos de apoio. Sobre tais arquivos que foram enviados, envolviam tópicos como: conceitos em medidas e avaliações; anamnese e planejamento da avaliação física; avaliação da composição corporal; avaliação postural; avaliação da flexibilidade; avaliação da força muscular; e avaliação cardiorrespiratória.

No caso das avaliações para obtenção de notas na disciplina, houve apenas duas. A primeira delas foi a montagem de uma ficha de avaliação física, contendo em sua estrutura os tópicos mencionados acima, da anamnese até a avaliação cardiorrespiratória, podendo o estudante escolher o método específico a ser utilizado para cada tipo de avaliação. A segunda avaliação consistiu em responder a uma prova de múltipla escolha com vinte questões a respeito dos conteúdos da disciplina, a ser realizada em consulta com os materiais disponibilizados virtualmente.

Com isso, por mais que a exposição das aulas fosse realizada de maneira clara e tivessem os arquivos virtuais para consulta à disposição, a questão da experiência prática certamente representou uma lacuna marcante, uma vez que, pelo menos no meu caso, tive pouquíssimas ou nenhuma experiência com os instrumentos e equipamentos de medição que são utilizados. Ainda assim, os conteúdos teóricos e vídeos sugeridos permitiram ampliar as noções a respeito das técnicas utilizadas para tais finalidades.

De modo análogo e com limitações parecidas ao componente curricular descrito acima, também esteve presente na disciplina obrigatória de Adaptações Orgânicas ao Exercício A<sup>5</sup>, cursada no mesmo semestre referente a 2021.1.

---

dos testes: validade e reprodutibilidade; escalas de medidas; áreas de avaliação na Educação Física: cineantropométrica, neuromotora, metabólica, cognitiva e afetiva; princípios da avaliação de habilidades esportivas; construção e uso de baterias de testes; medidas da atividade física.

<sup>5</sup> Código da disciplina - DEF 5897 / Ementa - energia para atividade física; efeitos agudos e crônicos do exercício físico nos diversos sistemas orgânicos; exercício físico e meio ambiente; recursos ergogênicos e desempenho humano.

As aulas foram realizadas de forma síncrona e essencialmente expositivas, de acordo com a divisão dos tópicos a serem transmitidos em unidades de conteúdos, a saber, sobre bioenergética; metabolismo no exercício; efeitos agudos e crônicos do exercício sobre o sistema neuromuscular; efeitos agudos e crônicos do exercício sobre o sistema respiratório; efeitos agudos e crônicos do exercício sobre o sistema cardiovascular; índices fisiológicos; efeitos agudos e crônicos do exercício sobre o sistema endócrino; e exercício e ambiente.

As avaliações foram compostas por cinco provas a serem respondidas de forma discursiva e/ou através de cálculos, cada uma delas conforme as unidades de conteúdos correspondentes. A esse respeito, devo confessar que foram avaliações bastante desafiadoras, por conta da presença de cálculos e assuntos complexos referentes às reações do nosso organismo aos diferentes tipos e intensidades de exercícios realizados. Assim como também foi um tanto quanto frustrante não ter sido possível realizar ou presenciar os testes através de equipamentos especializados, apesar de que eu, por exemplo, nesse caso, já tivesse pelo menos realizado o teste ergométrico em esteira na própria UFSC em uma oportunidade anterior.

Ou seja, novamente, por mais completa que uma aula teórica possa ser, a vivência prática é também essencial. Pois é de suma importância ter a experiência factual de realizar determinada medição, por exemplo, na prática, para que se possa replicá-la num momento futuro com propriedade e precisão, bem como viver a experiência, o interesse e a motivação que ela proporciona (GODOI; KAWASHIMA; GOMES, 2020).

Num outro sentido, a disciplina curricular obrigatória de Metodologia da Pesquisa em Educação Física<sup>6</sup>, cursada por mim no semestre referente a 2020.1, não sofreu, ao meu ver, com as implicações mais diretas por conta do formato de ensino remoto emergencial e a necessidade do distanciamento social, tendo em vista que trata de conteúdos tipicamente mais teóricos e conceituais.

O mesmo professor de Teoria e Metodologia do Handebol foi quem

---

<sup>6</sup> Código da disciplina - DEF 5826 / Ementa - concepções teóricas da pesquisa científica; concepções metodológicas da pesquisa: qualitativas e quantitativas; tipos de pesquisa, estratégias e etapas da elaboração; elaboração e testagem de instrumentos; o projeto de pesquisa.

ministrava essa outra disciplina, também no semestre de inauguração do formato de ensino remoto emergencial. Assim, o padrão de condução das aulas foi muito semelhante entre Metodologia da Pesquisa em Educação Física e Teoria e Metodologia do Handebol. Ou seja, foram aulas teóricas expositivas e dialogadas, contando com a apresentação de slides sobre os conteúdos, bem como disponibilização de textos e livros a respeito da temática.

As unidades de estudo foram divididas em tópicos, a saber, sobre quais são os tipos de conhecimento; as etapas do processo de pesquisa científica; os diferentes tipos de estudo; epistemologia da pesquisa; e, por fim, exemplificando como deve ser realizado o percurso de um projeto de pesquisa. Com isso, foi solicitada a elaboração de tarefas como, por exemplo, a escrita de dois resumos expandidos, um sobre tipo de pesquisa quantitativa e outro sobre pesquisa qualitativa.

A respeito dessas atividades acima mencionadas, é possível então considerar as diferenças entre abordagens quantitativas e qualitativas. Assim, se por um lado o tipo de pesquisa quantitativa prioriza a coleta e mensuração de dados estatísticos, por outro, o tipo de pesquisa qualitativa permite ao investigador explorar e interpretar questões que estão para além de números (NEVES, 1996; SANTOS, 1999). Desse modo, também acredito que ambos os tipos de pesquisa não se excluem ou se opõem, mas podem se complementar mutuamente, constituindo parte de uma mesma pesquisa (MINAYO; SANCHES, 1993).

Um exemplo disso encontra-se no contexto atual, em que o número de mortes são atualizados diariamente no Brasil e no mundo por conta da pandemia do novo coronavírus. Se observados apenas pelo viés numérico, a despeito do que cada um desses seres humanos vitimados por complicações dessa doença significa pessoalmente para seus amigos e familiares, são apenas algarismos que se somam (ou se empilham) um após o outro (KIND; CORDEIRO, 2020). E mais, cada uma dessas vítimas, individualmente, também certamente possuía sonhos, histórias e visões de mundo distintas, marcadas pela própria trajetória de vida e seus contextos sócio-culturais. E isso só reforça a respeito de que aspectos quantitativos e qualitativos são capazes de se complementarem ao longo de uma pesquisa e de acordo com as intencionalidades do(s) investigador(es) envolvido(s).

Ademais, outra tarefa solicitada pelo professor aos graduandos foi a de realizar, em dupla, também um resumo expandido, mas dessa vez a respeito de um projeto de pesquisa feito anteriormente por algum outro colega de curso. Para, então, finalmente, essa mesma dupla elaborar o próprio pré-projeto de pesquisa, assim como construir uma apresentação em slides para ser compartilhada com os demais membros da turma.

De modo semelhante, a questão do ensino remoto emergencial, no meu ponto de vista, não afetou significativamente as dinâmicas envolvidas nas aulas do componente curricular obrigatório de Seminário de Conclusão de Curso I<sup>7</sup>, realizado por mim no semestre referente a 2020.2.

Essa nova etapa, portanto, representou um passo além daquilo que foi realizado em Metodologia da Pesquisa em Educação Física. Assim, os estudantes que já tinham melhor definido seus projetos de pesquisa deram sequência a eles. No meu caso, porém, que havia realizado a atividade de construção do pré-projeto de pesquisa em dupla, apesar de manter a temática envolvendo os desafios do ensino remoto emergencial provocados pela pandemia de Covid-19, mantive-me indeciso por um bom tempo, a avaliar as dificuldades, as formas de abordar o tema e até mesmo a internalizar com mais precisão as etapas e os métodos envolvidos numa pesquisa científica.

Para tanto, a professora da disciplina em questão proporcionou aulas expositivas e dialogadas abrangendo os conteúdos e os percursos necessários para a produção de um projeto de pesquisa mais elaborado, que viria a culminar neste trabalho de conclusão de curso que estou a escrever. Assim, os tópicos divididos e apresentados em aula pela professora foram: tema e problema; justificativa; construção dos objetivos; revisão teórica; introdução e parágrafos; e metodologia. Além disso, também disponibilizou diversos exemplos de projetos de pesquisa realizados por colegas em semestres anteriores, sem contar na participação de outras professoras, uma a fornecer aula a respeito da questão ética na pesquisa com seres humanos, e outra com a gravação de videoaulas a respeito dos instrumentos de coleta e análise dos

---

<sup>7</sup> Código da disciplina - DEF 5874 / Ementa - projeto de pesquisa em Educação Física no âmbito de atuação da formação em Licenciatura: constituição das etapas de elaboração; revisão das concepções metodológicas, dos instrumentos de coleta e análise dos dados; desenvolvimento de revisão de literatura; preparação do projeto de trabalho de conclusão de curso.

dados para a pesquisa científica.

As tarefas solicitadas, a princípio, envolveram a realização de fichamentos de dois artigos, individualmente. Na sequência, em dupla, a tarefa a ser cumprida foi a de realizar, reciprocamente entre os colegas, fichas de avaliação. A primeira delas era sobre o tema, o problema e a justificativa do projeto de pesquisa, a julgar a coerência e viabilidade da proposta apresentada pelo colega. A segunda já foi um pouco mais completa, de acordo com o processo de andamento e elaboração de cada projeto, incluindo questões a serem respondidas que envolviam o título, os objetivos, os capítulos da revisão teórica, os autores, estudos e pesquisas abordados, bem como a seção de metodologia. Para além disso, também foi necessário dar continuidade e concluir as etapas do projeto de pesquisa até o final do semestre, assim como construir uma apresentação em slides para esse projeto e estabelecer um cronograma para a conclusão do trabalho.

Assim, tanto a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação Física quanto a de Seminário de Conclusão de Curso I, por tratarem de, a princípio, fundamentos mais teóricos, mesmo na Educação Física escolar, acabaram por não exigir tanto da vivência prática em conjunto e de forma presencial. Isso não significa, porém, que o usufruto das aulas não poderia ter sido até mais explorado e saciado caso o ensino tivesse sido realizado de forma presencial, pois acredito que algumas dúvidas, detalhes e questionamentos poderiam ter sido mais bem esmiuçados pessoalmente.

Mas um ponto fulcral é que, na minha visão, por mais que a interface digital tenha permitido, com seus prós e contras, a manutenção da continuidade das aulas durante determinado período, a realidade virtual não substitui a experiência pessoal e direta, ao vivo e sem atrasos ou problemas de áudio ou imagem, por exemplo. Outro ponto que considero bastante é o fato de que, ainda que tantos outros colegas estejam em situações semelhantes à minha, em diversos momentos houve inibição da minha parte no sentido de não abrir a câmera, ou até mesmo desconsiderar algum questionamento pelo fato de que a maioria dos colegas também não mantinham suas câmeras abertas ou pouco interagiam na aula e com os professores.

Sendo assim, houve um misto de falta de estímulo e motivação para participar e ser mais ativo durante as aulas, inclusive por conta de questões de

privacidade e receio a certas exposições. Diante disso, também é preciso ressaltar como deve ter sido desafiador para os professores terem a necessidade de se colocar diante das câmeras, sendo que em muitas ocasiões havia só a sua própria imagem com a câmera aberta, sem ter como observar os alunos. Isso até mesmo acaba propiciando que a fala do professor tenda a ser mais diretiva e menos dialogada, pois sem visualização fica incapaz de perceber manifestações através de, por exemplo, os gestos e as expressões faciais dos estudantes. Contudo, ainda assim foi possível observar iniciativas de professores no sentido de instigar uma maior interação dos alunos, mas que nem sempre surtiam o efeito desejado.

Em tempo, também considero importante declarar que outra dificuldade se assomou ao meu caminho. Está no fato de que, por exemplo, tanto nas aulas de Metodologia da Pesquisa em Educação Física quanto nas aulas de Seminário de Conclusão de Curso I, não me recordo de em nenhum momento ser apresentado a respeito de outros paradigmas a orientar o pensamento científico. Assim, o aspecto ontológico foi tomado implicitamente a partir do paradigma científico moderno e cartesiano, que ainda prevalece no ambiente acadêmico. Ou seja, não somente na universidade, mas também na escola e em diversos outros contextos da vida em geral, eu, assim como tantos outros, fomos educados com base nesse modelo de racionalidade, sem considerar, por exemplo, o paradigma da complexidade e a abordagem transdisciplinar, que são propostas mais recentes e ainda não tão exploradas.

Eis aí, então, uma questão que merece ser ressaltada, pois me sinto em conflito permanente por conta de, ao mesmo tempo em que realizo um trabalho de pesquisa acadêmica no qual fui influenciado tacitamente durante todo o curso pelo paradigma moderno, por outro, busco me reorientar a partir de um novo paradigma, mas que talvez ainda não consiga me situar completamente e bem adequá-lo à proposta desta pesquisa. É preciso reconhecer da minha parte, portanto, que, apesar dessa procura em uma proposta inovadora a conduzir esta pesquisa, percebo minhas limitações quanto ao domínio da abordagem, e até me questiono se foi uma boa aposta ter me enredado por tais caminhos, que ainda me parecem confusos e tortuosos. Entretanto, é necessário prosseguir, mesmo com dúvidas, angústias e incertezas.

E, quanto a isso, ao menos, sei que estou amparado e acolhido pela

complexidade, pois sou um ser humano incompleto em busca de respostas, sujeito a erros, imprecisões e esquecimentos. Da mesma forma, anseio por novos caminhos e abro-me à transdisciplinaridade, permitindo-me ser intuído por alternativas criativas e que me incluem sem ressalvas enquanto sujeito integral ao longo do processo, a expressar minhas próprias emoções e confessar meus impasses individuais (MORAES, 2015; MORIN, 2015a, 2015b; SANTOS, 2008; SANTOS; SANTOS, 2009; SCHERRE, 2015; SOMMERMAN, 2011).

#### 4.2 ENQUANTO ESTAGIÁRIO / PROFESSOR

Este subcapítulo, apesar de também se referir a componentes curriculares obrigatórios para a graduação no curso de Licenciatura em Educação Física, foi separado em razão das especificidades envolvidas nas dinâmicas das disciplinas de Estágios Supervisionados, considerando-se que o Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I<sup>8</sup> foi realizado de forma inédita, por mim e pela UFSC, através da modalidade de ensino remoto emergencial a partir do semestre 2020.1. Assim, a mesma estratégia foi repetida posteriormente no Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar II.

Para o Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I, a proposta de atividades das aulas envolveram, num primeiro momento, leituras preparatórias para a escrita e apresentação de um memorial (auto)biográfico, no qual se deveria relatar acerca da trajetória pessoal, envolvendo as práticas corporais favoritas, bem como a questão do projeto e desejo de ser professor de Educação Física. Com isso, devo reconhecer que essa atividade me envolveu bastante no sentido de que foi um exercício importante de reconstrução da memória, que veio ao encontro do fato de que, no momento

---

<sup>8</sup> Código da disciplina - MEN 5321 / Ementa - estágio supervisionado em Educação Física Escolar na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio); atividade de docência: observação da escola e da comunidade; coleta de dados institucionais e da comunidade; acompanhamento de atividades de ensino; análise da realidade escolar e do currículo; elaboração e desenvolvimento de projeto de ensino em turmas de Educação Física na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio); participação em atividades escolares de caráter geral, reuniões de acompanhamento e avaliação e pontos de encontro de estagiários; relatório técnico-científico de estágio: elaboração de documento e socialização da experiência de estágio.

em que essa tarefa me foi direcionada, eu também estava realizando a conversão das fitas VHS de família para um formato em arquivo digital. Fato esse que me moveu a ampliar muitas outras recordações, também por me encontrar diante de variadas filmagens da minha própria infância e adolescência através dos vídeos caseiros que estavam sendo convertidos, o que me emocionou e impulsionou bastante para elaborar uma tarefa significativa. E, devo considerar, também, que isso me influenciou para optar por apresentar um tom narrativo a este trabalho de conclusão de curso, recheado de memórias e subjetividades.

Relatando um pouco mais a respeito desse memorial (auto)biográfico, realizei descrições a referir-me a partir da data do meu nascimento, em 20 de julho de 1994. Comentei sobre a minha família, a relação com meus pais, a minha irmã e os meus avós, bem como tios, primos e amigos de infância. Além disso, também relatei a respeito das brincadeiras mais comuns na infância, a exemplo de pega-pega, esconde-esconde, pique bandeira, pular corda, amarelinha, elefante colorido, mímicas e imitações, jogos com bola, etc. As escolas onde estudei também fizeram parte do enredo presente no memorial, nas quais quando mais novo era muito comum atividades lúdicas, a presença de mágicos e palhaços no ambiente escolar. Porém, a partir da quinta série, as atividades, por exemplo, na Educação Física, passaram a se vincular fortemente ao chamado “quarteto fantástico”, em que as modalidades de futsal, handebol, voleibol e basquetebol limitavam-se ao eixo principal das aulas. Além disso, outras percepções a respeito da minha própria transformação na passagem entre infância e adolescência estiveram presentes, também de acordo com as mudanças de escola e as interações com outros alunos e professores. Nas páginas finais desse memorial ainda comentei a respeito da minha saga de estudos em diferentes cursos pela UFSC, sendo que desde 2017.1 estou me graduando no curso de Licenciatura em Educação Física e cá estou até hoje, buscando, finalmente, concluir mais este ciclo em minha trajetória acadêmica.

Mas, para além disso, o cronograma da disciplina também compreendeu a leitura e discussão de textos sobre as concepções pedagógicas da Educação Física, bem como o estudo de normativas e diretrizes educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Proposta Curricular da Rede

Municipal de Ensino de Florianópolis e também a respeito da plataforma de ensino remoto da Rede Municipal de Florianópolis. A partir disso, eu e outros dois colegas tivemos as primeiras conversas com a professora de Educação Física e realizamos observações participantes durante as aulas das turmas de nono ano, 91 e 92, em parceria com a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro Pantanal, na cidade de Florianópolis. Quanto às turmas, compreendiam alunos por volta dos 13 a 15 anos, com alguns até bastante participativos e que se mostravam interessados pelas propostas.

Após esses encontros virtuais, foi-nos solicitado pelo professor de Estágio Supervisionado a realização, individualmente, de uma análise de conjuntura escolar, na qual também se deveria comentar a respeito dos impactos promovidos pelo contexto da pandemia de Covid-19, bem como as repercussões percebidas em relação às dinâmicas observadas ao longo dos primeiros encontros virtuais com as turmas de nono ano da instituição escolar.

A partir daí veio então o processo de planejamento de ensino e intervenção pedagógica, que representou grandes desafios na perspectiva de que, a partir desse momento, eu passaria a ser testado e avaliado não mais como um aluno que executa, envia tarefas e que não tem a obrigatoriedade de estar com a câmera aberta ou até mesmo interagir através de áudio ou chat. Seria necessário, portanto, estar diante da câmera aberta para propor uma aula com conteúdos, objetivos e estratégias vinculadas ao ensino remoto na Educação Física escolar. Ou seja, os referenciais nos quais se embasar pareciam relativamente incertos, uma vez que as expectativas de um graduando em Licenciatura na Educação Física tendem a envolver fortemente a prática de forma presencial e coletiva, muitas vezes em espaços amplos, como uma sala ou quadra poliesportiva, por exemplo.

Assim sendo, baseado nos planos de aulas e em acordo com a professora das turmas 91 e 92 da escola, as intervenções passaram a ser realizadas em trio, através de experiências nas quais nos revezamos enquanto estagiários-professores responsáveis por conduzir mais especificamente uma determinada aula ou outra. Quanto a isso, as aulas de ambas as turmas foram realizadas em sessões conjuntas, sendo que houve considerável taxa de evasão das aulas durante o período, embora vários outros alunos tenham mantido a frequência e participação ao longo dos encontros virtuais. Apesar

disso, apenas cerca de metade dos estudantes mantiveram interações notáveis ao longo das aulas, e menos ainda eram os que abriram suas câmeras. Tendo essas anotações em vista, sempre nos era indicado realizar relatos de observação das aulas, os quais eram produzidos por um dos graduandos que, a depender de cada aula, não era o responsável direto por conduzi-la.

Quanto aos conteúdos a partir dos quais as intervenções foram realizadas, vinculavam-se à temática central “expressão corporal no contexto da pandemia a partir dos avanços tecnológicos”, que já vinha sendo trabalhada pela professora das turmas anteriormente. Assim, logo na primeira aula realizamos uma breve apresentação dos memoriais e compartilhamos com os alunos imagens nossas da infância. Para, então, na segunda aula, esclarecermos a respeito do que é expressão corporal e envolver maior participação dos alunos ao propor uma espécie de dinâmica relacionada ao tema envolvendo *emojis*<sup>9</sup>. Nesse sentido, a princípio, consistia em perguntar qual o *emoji* mais utilizado por eles, além de mostrar quais eram os *emojis* mais usados globalmente. Em seguida, foram apresentadas sequências de figuras de *emojis* que representavam o refrão de determinadas músicas, e, assim, eles deveriam tentar descobrir de quais se tratavam.

Na sequência dos encontros virtuais, no qual eu fui o responsável por conduzir, o tópico da aula a ser explorado foi a mímica. Confesso que o tema dessa aula foi para mim bastante significativo e inspirador, no qual apresentei o conceito de mímica enquanto forma de expressão baseada em gestos e movimentos corporais e fisionômicos através dos quais é possível transmitir pensamentos e ideias sem a necessidade de comunicação verbal. Assim, também apresentei brevemente como a mímica sempre esteve presente ao longo da história da humanidade, passando por diferentes contextos históricos, enfatizando o quanto tais expressões influenciam na interpretação da intencionalidade a qual se deseja dar sentido nas comunicações (SILVA; SILVA; ANDRADE, 2014).

A esse respeito, recordo-me de ter comentado sobre o fato de que, ao mesmo tempo em que meu rosto e possíveis gestos realizados com as mãos estavam sendo mostrados na câmera, eu, enquanto professor, no momento

---

<sup>9</sup> Conforme a definição fornecida por Padilha (2004), “Emoji é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa (...)”.

daquela aula não conseguia visualizar os alunos e perceber as suas próprias expressões faciais e gestuais. Com isso, é possível refletir o quanto a figura do professor que se propõe a, por exemplo, realizar aulas envolvendo maior participação dos alunos, acaba ficando restrita por conta do fato de não tê-los diante de si, podendo observá-los e interagir melhor com eles. Assim, por mais que uma aula possa, a princípio, apresentar-se de forma interessante e enriquecedora para os estudantes, o professor acaba tendo menor controle quanto às reações dos alunos, podendo até vir a se frustrar por não perceber tais feedbacks imediatos (FERREIRA; OLIVEIRA; SILVA, 2020; SILVA; SILVA, 2020). Ou, por outro lado, considerando as minhas próprias inseguranças e como foi desafiador ter me exposto diante das câmeras aos alunos num momento como aquele, logo após ter recém inaugurado o ensino remoto emergencial, talvez, não enxergá-los tenha sido até amenizador no sentido de que possíveis reações e expressões negativas viessem a afetar minha própria performance, gerando instabilidade na condução da aula.

Ademais, levando ainda em conta a temática da mímica, é possível estabelecer relações com o conceito de corporeidade e o pensamento complexo e transdisciplinar. No caso da corporeidade, envolve considerar o ser humano em suas dimensões física, emocional-afetiva, mental-espiritual e sócio-histórico-cultural, na qual o corpo é parte central e intermediadora dos processos, enquanto a complexidade e a transdisciplinaridade permitem compreender o ser humano com tais múltiplas dimensões enraizadas em sua própria subjetividade. Ou seja, a mímica, enquanto forma de expressão corporal, pode também ser considerada a partir de uma perspectiva complexa e transdisciplinar que integra a corporeidade, de modo a superar as disjunções entre as dimensões humanas provocadas pelo paradigma mecanicista. E, assim, também permitir abertura a possibilidades criativas de aulas na Educação Física, envolvendo a temática da mímica enquanto elemento potencializador da expressividade corporal e emocional (ARANTES; CUNHA; PAULA; SUANNO, 2017; GAYA, 2008; JOÃO; BRITO, 2004; PAULA; SUANNO, 2016; SILVA; SILVA; ANDRADE, 2014).

Além disso, a aula também se propôs a trazer elementos de ligação com a conjuntura do tempo presente, em que a necessidade de distanciamento social provocada pela pandemia do novo coronavírus evidenciou o quanto as

tecnologias virtuais têm se inserido cada vez mais em nossas formas de comunicação, constituindo-se também enquanto temática contemporânea transversal de ensino (BRASIL, 1997).

Seguindo para uma breve descrição das aulas da sequência, a temática da capoeira foi contextualizada em sua herança histórico-cultural enquanto patrimônio cultural imaterial, associada também aos sons e ritmos envolvidos. Aula essa que ocorreu, não à toa, na data do dia 20 de novembro de 2020, na qual se celebra a Consciência Negra no Brasil, em referência a data da morte do líder quilombola Zumbi de Palmares, em 1695 (BAPTISTA, 2021). Assim, buscou-se recapitular e relacionar a questão das expressões faciais e gestuais à musicalidade e à dança presentes na capoeira, ressaltando também a expressividade corporal envolvida em sua ambiência.

Ao longo dessas intervenções, ao mesmo tempo em que fomos expositivos ao transmitir conteúdos aos alunos, também buscamos o diálogo e a participação deles através de perguntas, pequenos jogos e reflexões em conjunto, nas quais também era do nosso interesse compreender o que eles sabiam a respeito dos assuntos abordados. E, a fim de corroborar o quanto a temática geral das aulas descritas acima também faz parte do escopo da Educação Física escolar, de acordo, por exemplo, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, estão presentes a sugestão de conteúdos referentes a atividades rítmicas e expressivas, que incluem as possibilidades de comunicação através de gestos e expressões, podendo ou não conter a presença de sons (BRASIL, 1997).

Nas instâncias finais da disciplina houve a socialização dos relatos de experiência e a entrega do Trabalho de Conclusão de Estágio, em trio, que considero ter sido uma vivência muito gratificante e que até superou expectativas e frustrações decorrentes por conta de todo o contexto pandêmico de mudanças e limitações, que se estenderam não apenas à esfera acadêmica e profissional, mas também ao âmbito da saúde mental de cada indivíduo e, como no meu caso, sem ter tido nenhum contato direto e pessoal com meus amigos e colegas de curso durante o período.

Já no caso da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física

Escolar II<sup>10</sup>, cursada no semestre imediatamente seguinte à primeira experiência de estágio, em 2020.2, a parceria ocorreu com as escolas EBM Tapera - Escola do Futuro e EEB Simão José Hess, também de forma virtual, através da modalidade do ensino remoto emergencial. Inicialmente, tivemos contato remoto com a professora de Educação Física da escola, assim como eu e a minha dupla acompanhamos duas aulas ministradas por essa professora às turmas de oitavo ano, 81 e 82, da EBM Tapera - Escola do Futuro tendo, inclusive, realizado relatório de observação da cultura escolar a partir desses encontros. Porém, as intervenções direcionadas a serem aplicadas a essas turmas não foram possíveis de serem efetivadas.

Isso porque foi um semestre bastante tumultuado, havendo a irrupção de uma greve promovida por trabalhadores da Prefeitura de Florianópolis devido às iniciativas do governo municipal no sentido de restabelecer a volta das aulas presenciais, porém, sem o fornecimento das devidas condições sanitárias de segurança, como no caso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), além da ausência de cobertura vacinal efetiva aos profissionais e alunos da rede pública de ensino. Tal fato culminou no impedimento de que as atividades de estágio supervisionado fossem mantidas com a escola, pois os professores se encontravam mobilizados em uma greve em prol da própria segurança de sua classe, bem como dos alunos e da sociedade como um todo, tendo em vista o não aumento da exposição de indivíduos ao novo coronavírus (SINTRASEM, 2021).

Apesar disso, a disciplina não deixou de seguir seu prosseguimento, e exigiu ainda mais reorganização dos professores responsáveis por conta de demandas e novas alterações no planejamento, a fim de possibilitar a experiência aos estagiários de ministrar aulas, ao menos, entre os próprios colegas. Detalhe esse que, por mais que tenha sido a única solução viável encontrada para aquele momento, não esteve de acordo com as expectativas

---

<sup>10</sup> Código da disciplina - DEF 5873 / Ementa - estágio supervisionado em Educação Física Escolar na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio) ou Educação Profissional; atividade de docência; observação da escola e da comunidade; coleta de dados institucionais e da comunidade; acompanhamento de atividades de ensino; análise da realidade escolar e do currículo; elaboração e desenvolvimento de projeto de ensino em turmas de Educação Física na Educação Básica ou Educação Profissional; participação em atividades escolares de caráter geral, reuniões de acompanhamento e avaliação e pontos de encontro de estagiários; relatório técnico-científico de estágio: elaboração de documento e socialização da experiência de estágio.

de como deveria ser a experiência no estágio docente escolar, que já estava sendo impactada pela própria modalidade remota do ensino emergencial na Educação Física. Por outro lado, porém, nos permitiu vivenciar outros aspectos que também fazem parte da realidade envolvendo as demandas de gestão no ensino público, e que se estendem para além das proposições e ofertas de aulas.

Assim, o cronograma da disciplina sofreu constantes revisões ao longo do processo por conta dos impasses, sendo bem conduzido tanto pela professora quanto pelo professor responsáveis pelo Estágio Supervisionado em Educação Física II, contando com momentos de aproximação com a cultura escolar da comunidade na qual determinada dupla foi designada, através da exploração das plataformas digitais de ensino, bem como leitura do Projeto Político-Pedagógico de cada escola, além das diretrizes municipais e orientações para o ensino remoto, sem contar nas duas aulas observadas das turmas 81 e 82 e as constantes conversas entre eu e minha dupla com a professora de Educação Física da EBM Tapera - Escola do Futuro.

Desse modo, apesar da impossibilidade de realização das aulas com as turmas, mesmo assim nos foi solicitada a elaboração de propostas de aulas a partir de alguma temática, bem como o consequente planejamento das etapas de intervenção que, no meu caso e da minha dupla, envolveu as temáticas do karatê e da meditação, de forma associada. Isso porque a professora das turmas já vinha trabalhando com a temática de práticas corporais alternativas, envolvendo sobretudo aquelas relacionadas à cultura da meditação. Algo que considero bastante relevante, sobretudo diante do cenário de pandemia repercutindo em questões de saúde mental, ansiedade e falta de concentração. Quanto ao fato do karatê fazer parte da nossa proposta, foi uma iniciativa que partiu do meu colega de dupla, que é faixa preta na modalidade e tomou a frente no quesito de aprofundar os conteúdos do planejamento das aulas envolvendo essa arte marcial. Claro, porém, que eu realizei contribuições no processo, embora tenha ficado levemente inibido no sentido de não possuir o domínio específico das atividades que haveriam de ser propostas.

Ademais, também recorro-me de me sentir saturado e exausto por conta das recorrentes reorganizações que envolveram as dinâmicas das experiências nesse estágio, que acabaram por prejudicar os prazos

estabelecidos no cronograma para a realização de atividades e da apresentação das propostas de intervenção. Propostas essas que terminaram sendo efetuadas apenas parcialmente, entre os próprios graduandos em processo de estágio docente, mas que rendeu trocas de considerações e socialização de experiências entre as diferentes duplas, sobretudo envolvendo a viabilidade das propostas sugeridas.

Além disso, também foram elaborados relatos de experiência pedagógica, nos quais eu e minha dupla buscamos evidenciar os desafios e as frustrações encontradas no caminho, sobretudo envolvendo a impossibilidade de ter aplicado as propostas de intervenção com as turmas da escola, além da própria questão do ensino remoto emergencial atrelado à Educação Física escolar. Apesar dessas limitações, ainda assim representou uma experiência geral marcante, embora insatisfeita, e que também me motivou para retornar a essa mesma disciplina, em parceria com as mesmas escolas e professores, só que numa outra posição, não mais como graduando matriculado na disciplina, mas como monitor, sendo esse o tema do próximo subcapítulo.

#### 4.3 ENQUANTO MONITOR / PROFESSOR

Como dito anteriormente, já no semestre seguinte, em 2021.1, atuei enquanto monitor da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar II<sup>11</sup>, novamente com os mesmos professores e também em parceria com as escolas EBM Tapera - Escola do Futuro e EEB Simão José Hess.

Dessa vez, já passado o período anterior de turbulências e impasses, mas que de modo algum levam a desconsiderar a efetividade e a legitimidade da greve dos servidores públicos na educação, porém, foi possível contemplar a experiência de estágio docente com turmas de alunos da educação básica. Nesse momento, entretanto, eu já não mais me encontrava na posição anterior,

---

<sup>11</sup> Código da disciplina - DEF 5873 / Ementa - estágio supervisionado em Educação Física Escolar na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio) ou Educação Profissional; atividade de docência; observação da escola e da comunidade; coleta de dados institucionais e da comunidade; acompanhamento de atividades de ensino; análise da realidade escolar e do currículo; elaboração e desenvolvimento de projeto de ensino em turmas de Educação Física na Educação Básica ou Educação Profissional; participação em atividades escolares de caráter geral, reuniões de acompanhamento e avaliação e pontos de encontro de estagiários; relatório técnico-científico de estágio: elaboração de documento e socialização da experiência de estágio.

na qual deveria conduzir aulas, realizar planejamentos de intervenção e elaborar relatos de experiência. Minha função era, portanto, estar presente nas aulas da disciplina curricular e também nos encontros de intervenção dos colegas, permitindo aberturas ao diálogo e prestando-lhes algum tipo de auxílio em conjunto com as professoras de Educação Física de ambas as escolas.

Assim, de certo modo, também representou uma nova etapa para a minha formação, de alguém que já havia passado por aquele caminho, apesar de não ter sido nas condições mais apropriadas e de acordo com o esperado, mas através de uma perspectiva diferente, de apresentar contribuições, sugestões e reflexões durante as aulas, e também em particular com as respectivas duplas, por exemplo. Também foi uma experiência que envolveu uma maior responsabilidade no sentido de eu estar sendo remunerado através da bolsa de monitoria e ter sido selecionado para essa função a partir da confiança dos professores responsáveis pela disciplina. Além, é claro, das diferentes duplas envolvidas e das parcelas de participação que eu pude ter no processo de algumas delas, uma vez que havia também outro monitor responsável por auxiliar mais especificamente outras duplas.

Nesse sentido, oficialmente, entre as atribuições consideradas de incumbência do monitor, estavam as de: elaborar, conjuntamente com o professor supervisor o plano de atividades e o cronograma das tarefas previstas para a realização da monitoria; orientar os estudantes que solicitarem monitoria, registrando semanalmente seu acompanhamento, assim como quaisquer outras atividades desenvolvidas no cumprimento da monitoria; oferecer suporte pedagógico aos estudantes para a realização de seus trabalhos, esclarecendo dúvidas e contribuindo para a compreensão das tarefas e para a melhoria do processo de aprendizagem; auxiliar na preparação de material didático, experimental ou daqueles necessários às aulas práticas; disponibilizar seus horários de atendimento, apresentando-se disponível para os atendimentos de monitoria nos horários divulgados.

Apesar de tudo isso, na prática, a sensação que eu tive foi de que as demandas não foram tão exigentes, assim como os estudantes e colegas não requisitaram tanto do meu tempo que estava disponível para horários de atendimentos virtuais de monitoria. Portanto, considero ter atuado mais como um espectador de boa parte das atividades, buscando pontuar algumas

ressalvas, fazendo comentários e realizando observações de modo até mais informal.

Nesse sentido, pude perceber com recorrência, nos encontros da turma de 1º ano do Ensino Fundamental I da EEB Simão José Hess, que a professora regente extrapolava o tempo de suas aulas, quando já deveria ter se iniciado a aula de Educação Física dos alunos. E, quanto a isso, através da visualização da câmera aberta da professora de Educação Física da escola, eu tinha a impressão de ela demonstrar expressões de frustração e impotência pelo fato de os limites de horário não estarem sendo respeitados. Pode-se, todavia, considerar a ressalva de que os alunos se encontravam em fase de letramento e alfabetização, porém, também é preciso respeitar a importância do espaço de tempo que é do direito da Educação Física na escola. No fim das contas, tanto a professora quanto a dupla de estagiários ficavam com o tempo reduzido de cerca de pouco mais de vinte minutos para as conversas iniciais e a efetivação das propostas de intervenção.

Ademais, mantive minhas participações e contribuições ao longo do processo da disciplina, bem como também apresentei relatos semanais e o relatório de trabalho final, que envolveu o fechamento das atividades de monitoria prestadas na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física II.

#### 4.4 ENQUANTO SER HUMANO EM CONSTANTE PROCESSO DE AUTOECO-ORGANIZAÇÃO

As narrativas descritas nos subcapítulos anteriores, enquanto componentes deste trabalho, porém, não se remetem a experiências que foram vivenciadas conscientemente a partir de uma visão complexa e transdisciplinar, muito embora carreguem inscritas em suas próprias palavras e nuances os diferentes níveis de realidade e de percepção cabíveis. Isso porque, não custa novamente salientar, o contato que o sujeito autor desta pesquisa teve com tais teorias e conceitos deu-se numa fase imediatamente posterior às principais experiências vivenciadas no ensino remoto emergencial pela Educação Física escolar.

Sendo assim, os planejamentos de aulas, os modos de condução, as

avaliações e reflexões que ocorreram durante o período não levavam em consideração tais perspectivas de forma concomitante. Foi apenas pouco depois, repleto de novas dúvidas, amarguras e inseguranças que me veio a calhar, por sugestão da professora orientadora deste trabalho, quando citou a figura de Edgar Morin, a possibilidade de utilizar a abordagem do pensamento complexo enquanto eixo teórico-metodológico para dar sequência na construção já iniciada enquanto projeto de pesquisa deste presente trabalho de conclusão de curso. Fato esse que representou um grande desafio, mas também uma maravilhosa oportunidade no sentido de me aprofundar em leituras que expressamente abordavam referências ao pensamento complexo de Edgar Morin, além, é claro, de textos e livros dele próprio.

Desse modo, através da memória e da análise dos registros das experiências foi possível reconstituir e pontuar trechos de certas vivências marcantes do período, relatadas no decorrer deste trabalho. Sentimentos de medo, incapacidade, frustração e incerteza estiveram presentes, até por conta de toda aura pandêmica e das instabilidades políticas a nos rodear. Mas os aprendizados, as descobertas, as superações e o amadurecimento também se assomaram pelo caminho, buscando transitar, mas não se apegar por entre as polaridades, considerando e reconsiderando recorrentemente as próprias concepções e também exercitando a empatia, tendo em vista o equilíbrio da própria saúde mental. E, certamente, a abertura à complexidade e, conseqüentemente, também à transdisciplinaridade, apesar dos desafios envolvidos, representam uma fecundidade imensa capaz de abarcar possibilidades interpretativas que podem vir a ser cada vez mais exploradas.

Nesse sentido, cabe apresentar, então, o princípio de autoeco-organização, proposto por Edgar Morin, enquanto mais um complemento a alguns de seus já mencionados operadores cognitivos. É um princípio que também está diretamente relacionado ao princípio hologramático, no qual as partes estão no todo, bem como o todo também encontra-se inscrito nas partes, constituindo-se de forma recíproca. Assim, a autoeco-organização diz respeito ao nosso próprio estar no mundo, em que nos encontramos envolvidos por tudo aquilo que nos cerca, desde à imensidão do universo, passando pela dimensão do nosso planeta, pela natureza, mas também pela civilização humana e todas as suas cidades e bairros, pelos professores e os

colegas, os amigos, as famílias, enfim, toda a infinidade de contextos e seres que nos rodeiam. Ou seja, trata-se de um processo incessante de interdependência entre as partes e o todo, entre os sujeitos e os contextos, em que a autonomia de cada um é relativa ao ambiente condicionante, e vice-versa, pois as ações individuais também interferem em maior ou menor medida nos contextos mais ou menos imediatos (BEHRENS, 2019; MORAES, 2019; MORIN, 2015b).

Reforçando essa mesma ideia, por mais que possamos nos considerar autossuficientes em certos sentidos, porém, a complexidade da vida humana não se sustenta sem a sua relação com o meio, seja através do ar que respiramos, da água, do alimento, dos papéis sociais de cada um, bem como também de todas as informações que consumimos, as energias que trocamos, as interações múltiplas das quais talvez até nem tenhamos noção, enfim, todas as infindáveis e insondáveis trocas de ideias, além de toda a herança patrimonial histórica e cultural legada pela humanidade da qual somos herdeiros. Estamos, portanto, todos interconectados à natureza, à sociedade e aos outros seres e indivíduos que coabitam, já habitaram ou ainda virão a habitar este nosso planeta terreno (MORAES, 2015; MORIN, 2015b, 2020a, 2020b; SOMMERMAN, 2011).

A partir disso, também considero oportuna a ressalva de que, sobretudo pelo fato de ainda se permanecer em tempos de pandemia, com suas consequências ainda repercutindo em nossos processos de autoeco-organização, é possível que diversas referências importantes não estejam aqui constatadas. É preciso, portanto, reconhecer que diante de todas as leituras que foram realizadas, noticiários assistidos e até mesmo conversas informais, tudo isso certamente contribuiu reverberando em meus próprios insights e intuições, ainda que nem sempre seja possível identificá-los de forma totalmente consciente.

Além do mais, falando propriamente da minha pessoa, sobretudo de abril de 2020 até agosto de 2021, que foi quando tomei a primeira dose da vacina, representou um período de significativa reclusão, em que deixei de frequentar a academia, ver os amigos e até comprei uma máquina de cortar cabelo, a fim de evitar maiores exposições ao coronavírus. O uso de máscara nos supermercados e em situações nas quais não era possível manter o devido

distanciamento foi comum; os tubinhos de álcool gel foram e ainda permanecem bastante utilizados (FAGGIN, 2021). Mas alguns outros aspectos também foram essenciais para o meu próprio equilíbrio mental, como sair para correr, pedalar e tomar banhos de mar sempre que eu estava no apartamento da praia, o que significou um refúgio e privilégio enormes. Foi onde também me envolvi mais em preparar a minha própria comida, lavar a roupa suja, limpar a casa, enfim, realizar tarefas domésticas que são necessárias, sobretudo quando se está sozinho no local.

Assim, nos primeiros dias de dezembro de 2022, os casos de infecção pelo novo coronavírus já chegaram a mais de 640 milhões de pessoas, bem como mais de 6 milhões e 618 mil foram vítimas fatais devido à doença e suas complicações em todo o planeta (OMS, 2022a). O Brasil tem se sustentado entre as nações mais afetadas em números de casos e de mortes ao longo da pandemia, encontrando-se atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia, e, mais recentemente, também da França e da Alemanha, com mais de 35 milhões e 250 mil casos confirmados, além de quase 690 mil mortes (OMS, 2022b). Desde o início do período de vacinação, entretanto, já pôde se contabilizar mais de 492 milhões de doses de vacinas aplicadas em todo o território brasileiro (OMS, 2022b). Do mesmo modo, a nível global, as doses já chegaram à marca de mais de 13 bilhões de vacinas administradas (OMS, 2022a).

Os sinais globais de alerta enviados aos mais diversos recônditos do nosso planeta permitiram que, em maior ou menor grau, as nações pudessem se preparar para lidar com as possíveis consequências do alastramento do coronavírus. Porém, pelos mais diferentes motivos, como, por exemplo, densidade demográfica, fluxos migratórios, modos de socialização próprios de cada cultura, assim como políticas de controle de circulação de pessoas promovidas por um determinado governo, as formas como cada país enfrentou a disseminação da pandemia foi desigual. Desde a escassez de recursos para a compra de equipamentos básicos de proteção e os baixos investimentos nos setores de saúde, até à pouca importância da população para com os cuidados básicos, sobretudo o distanciamento social e o uso de máscaras em locais públicos, são fatores influenciadores no maior ou menor impacto da pandemia na saúde pública de cada país (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020;

NEVES, 2020; PASSOS; WALTER, 2020).

No caso do Brasil, em especial, há grande responsabilidade da figura do presidente da república, Jair Bolsonaro, no sentido de minimizar os sintomas provocados pelo novo vírus e, além disso, ainda promover aglomerações sem a recomendação do uso de máscaras ou álcool em gel (CASTRO, 2021). Somado a isso, também foi ele quem recomendou a utilização do uso de cloroquina - remédio utilizado para combater a malária - para tratar e prevenir as complicações da Covid-19, sem que houvesse consenso científico e estudos conclusivos a respeito (VERDÉLIO, 2020).

Nesse sentido, pode-se comparar com situações que ocorreram durante a pandemia de Gripe Espanhola, em que o medicamento quinino - na época, também usado para o combate da malária - foi recomendado por algumas autoridades. Assim, não se pode deixar de notar como, muitas vezes, não se aprende com o passado; ou melhor, até mesmo desconsidera-se o passado enquanto meio para o aprendizado, perpetuando-se a promover erros e enganos (SCHWARCZ; STARLING, 2020). De forma consciente ou não, é o que pode gerar dúvidas. Até que ponto é do interesse de certos governantes em promover o esclarecimento da população e desejar genuinamente a melhora da qualidade de vida das pessoas?

Em tempo, foi também o mesmo presidente Jair Bolsonaro quem não apoiou a campanha nacional de vacinação preventiva contra a Covid-19 tendo, inclusive, compartilhado notícias falsas quanto à eficácia das vacinas. Além disso, também debochou e desrespeitou a dor de diversas famílias e pacientes que foram vítimas da doença. Atitudes que só demonstram o quão desgastante e frustrante é ter que se conviver com tais irresponsabilidades e descasos com a saúde ao mesmo tempo em que não se compadece com o luto de membros da própria população do país do qual se é chefe de Estado (FERNANDES, 2021; KIND; CORDEIRO, 2020; NEVES, 2020). Dessa forma, a influência política de opinião, ainda que carregada de precipitação e ignorância, tende a repercutir na ação coletiva de tantas outras pessoas e, com isso, levando muitos a desconsiderar medidas básicas de prevenção ao contágio do coronavírus, impactando diretamente na situação de dados alarmantes quanto à situação de pandemia no país.

Assim sendo, apesar da perpetuação de atitudes e modos políticos de

condução excessivamente voltados para o aspecto econômico, ou até mesmo ignorante e egocêntrico, a cooperação global, mais do que nunca, deve ser estimulada. O compartilhamento de informações científicas confiáveis e a solidariedade entre as nações constituem pontos essenciais para um novo projeto civilizacional (FONSECA, 2020; HARARI, 2020). Além disso, também foi possível reparar em diversas regiões do planeta, com a parada e/ou diminuição do uso de transportes e atividades industriais, que a própria qualidade do ar melhorou, assim como a de rios e mares, ainda que provisoriamente, até o retorno de tais atividades (MORIN, 2020b; RODRIGUES, 2020).

Mas, e agora? Nos primeiros momentos após a aplicação de medidas mais restritivas de isolamento houve muitas considerações a respeito da situação ambiental. Do mesmo modo, apesar do descaso de governos em relação à saúde pública, também houveram muitos atores anônimos ou até pouco reconhecidos, mas que se envolveram incansavelmente em reduzir impactos e aliviar dores alheias. Parece, porém, que ainda a obsessão capitalista prevalece e a pulsão consumista continua a ser propagandeada por todo lado. Não se trata de ser ingênuo quanto tais considerações a respeito de aspectos históricos, políticos e sociais a serem transformados, mas de possíveis vias para que a humanidade possa se perpetuar e evoluir com maior segurança, atenuando, o quanto antes, vindouros impactos provocados pela intensa exploração e destruição dos espaços ecológicos (MORIN, 2020b).

## 5. MÚLTIPLAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de irrompimento da pandemia do novo coronavírus e a consequente retomada das aulas através do ensino remoto emergencial representaram o gatilho propulsor para este trabalho de conclusão de curso. Num sentido mais pessoal, entretanto, as experiências vivenciadas ao longo desse período representaram mudanças e aprendizados que foram incorporados subjetivamente pelo autor desta pesquisa durante uma etapa do seu processo de formação docente.

As adaptações que foram necessárias realizar para que fosse exequível a continuidade das aulas através do formato remoto emergencial na Educação Física representaram desafios e limitações por conta da ausência dos espaços físicos e impossibilidade de interações mais dinâmicas que pudessem ser visualizadas. Exemplos disso estiveram presentes nas salas virtuais com reduzido número de alunos se comparado com o ensino presencial, além de poucas câmeras abertas, problemas de conexão com a internet, sobrecarga de trabalho aos professores, insatisfação dos alunos, dentre outros fatores restritivos provocados pelo período de confinamento.

Para tanto, foi considerada uma perspectiva subjetiva, que se desvela a partir de diferentes pontos de vista conforme os papéis de atuação experienciados pelo próprio autor durante o período considerado no ensino remoto emergencial. Por exemplo, enquanto estudante de Licenciatura em Educação Física, enquanto estagiário/professor no Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I e II, enquanto monitor/professor no Estágio Supervisionado em Educação Física II, mas também enquanto ser humano em constante processo de autoeco-organização.

Ou seja, os diferentes enfoques, ao mesmo tempo que representaram dificuldades no processo de formação docente através de um período pandêmico e com modos de condução de aula que não se encontravam prescritos nos planejamentos anteriormente já elaborados, também, por tal imprevisibilidade, carregam experiências enriquecedoras e aprendizados que compõem parte da história de todos aqueles que vivenciaram esses momentos. Assim, o âmbito da escola e da universidade não se restringem ou se localizam somente por “entre os muros”, pois a vida é uma escola e nossa rotina, nossos

desejos, pensamentos, emoções e tudo aquilo que nos rodeia também são componentes que fazem parte da aula.

A Educação Física escolar e o professor enquanto representante da área podem vir a cada vez mais se reafirmar academicamente, para além das proposições, muitas vezes despropositadas, de jogos e brincadeiras. É preciso constantemente se reinventar, ressignificando o seu próprio espaço na escola que, pelo menos durante o ensino remoto emergencial, materialmente se perdeu. Saber dialogar e se aprofundar também em outras áreas, partindo da cultura corporal de movimento a temas transversais, constituem potenciais aliados. A área do conhecimento que corresponde à Educação Física, justamente por beber de diferentes fontes teórico-metodológicas advindas de outros ramos científicos, possui um poderoso potencial que pode contribuir para explorar os conteúdos de forma sensível e transdisciplinar.

Assim, este trabalho de conclusão de curso comporta, também, as suas próprias limitações ao depender das descrições subjetivas vivenciadas a partir de experiências pessoais em relação ao ensino remoto emergencial no contexto educacional brasileiro. Esse foi também um período no qual o autor desta pesquisa passou por momentos significativos de reclusão social, mas que também serviram para que fosse possível iniciar um processo de reconhecimento e de aprofundamento em relação ao pensamento complexo e à transdisciplinaridade.

Além disso, apesar das distâncias e barreiras físicas, o exercício da empatia, assim como a busca pelo aprimoramento intelectual, emocional e espiritual jamais deixaram de fazer parte desse caminho que, mesmo não sendo capaz de conceber exatamente onde desejo chegar, quero ter sempre em minha companhia tais aspirações.

O arcabouço teórico da transdisciplinaridade, do qual a complexidade é um componente fundamental, ainda está longe de ser completamente explorado, e toda essa investigação, que transcende níveis de realidade e opera a partir de outras lógicas, também esbarra de acordo com os limites que dizem respeito aos meus próprios níveis de percepção e compreensão. O que não significa, porém, que sejam imutáveis, mas que dependem de processos, diálogos e aprendizados que ainda não foram possíveis de expandir. Ou seja, é necessário continuar a busca ininterrupta pelo avanço do conhecimento e

futuras pesquisas poderão ser capazes de aperfeiçoar e se inspirar a partir desta proposta, fortemente influenciada pela liberdade e criatividade que somente a escrita literária permite extravasar.

Por trás de toda pesquisa científica, de todo o investimento na busca pela ampliação do conhecimento, há uma trajetória de vida, que convive com seus dramas e dilemas internos e que jamais se encontra ausente do seu objeto de pesquisa, certamente o encontrando e se reencontrando a cada novo encontro ao longo de um projeto em constante processo de acréscimos e sucessivas revisões, no qual também é preciso colocar um ponto final.

O fluxo e as movimentações retroativas e recursivas do pensamento evidenciam a todo o momento a presença (nem sempre consciente) do passado no presente, ao mesmo tempo em que as projeções e expectativas quanto ao futuro não deixam de moldar as interações do agora, pois a dinamicidade da mente opera para além das fronteiras do tempo, assim como não se circunscreve e se restringe a nenhum lugar do espaço.

Tecer teias, construir pontes, escalar montanhas, sobrevoar planícies, mas também submergir em profundidade, escavar abismos, permitir atravessar-se para além de si próprio, sem mascarar-se de excessivas objetividades oprimindo aquilo que nos constitui, de fato, enquanto sujeitos em permanente processo de autoeco-organização, permitindo-se aceder a oportunidades de aventura que, apesar de seus riscos, podem nos levar a grandes descobertas e encontros significativos, tanto a nível individual quanto coletivo.

A ideia e percepção do caos, intensificada pela pandemia, não será também etapa do processo de reorganização de uma nova ordem? De uma nova normalidade que nos conduza a estabelecer novas perspectivas diante da vida, tanto a nível individual quanto a nível mundial? Futuras pesquisas envolvendo as dimensões teóricas da complexidade e da transdisciplinaridade certamente poderão vir a contribuir cada vez mais com uma visão mais globalizante e menos fragmentada da realidade contemporânea que nos cerca, e da qual também constituímos enquanto cidadãos e sujeitos históricos, responsáveis cada um pela sua própria trajetória de vida, mas também componentes e membros coparticipativos de algumas, ou até mesmo infinitas realidades.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Victor Hugo Paiva; CUNHA, Regina Célia Alves da; PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de; SUANNO, João Henrique. PARA ALÉM DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: mediação pedagógica e transdisciplinaridade. **Revista Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 175-191, 19 jul. 2017.

Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6360>. Acesso em: 07 ago. 2022.

BAPTISTA, Rodrigo. **Dia da Consciência Negra, 50 anos**: liberdade conquistada, não concedida. 2021. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/11/dia-da-consciencia-negra-50-anos-liberdade-conquistada-nao-concedida>. Acesso em: 26 nov. 2022.

BEHRENS, Marilda Aparecida; PRIGOL, Edna Liz. Prática docente: das teorias críticas à teoria da complexidade. In: SÁ, Ricardo Antunes de; BEHRENS, Marilda Aparecida (org.). **Teoria da complexidade**: contribuições epistemológicas e metodológicas para uma pedagogia complexa. Curitiba: Appris, 2019. Cap. 2. p. 65-85.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física.

**Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32621999000100005>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**:

Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 03/07/2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília:

MEC/SEF, 1997. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em 03/07/2022.

CASELLI, Álvaro José; FERRAZ, Osvaldo Luiz. A educação física articulada ao currículo transdisciplinar: limites e possibilidades. **Revista Brasileira de**

**Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 583-600, 22 dez. 2017.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/148566>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CASTRO, João Henrique. **Covid-19**: 14 vezes em que Bolsonaro apareceu sem máscara em aglomerações. 2021. Disponível em:

<https://www.agazeta.com.br/es/politica/covid-19-14-vezes-em-que-bolsonaro-apareceu-sem-mascara-em-aglomeracoes-0521>. Acesso em: 05 jul. 2022.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. O ENSINO DA TÉCNICA E DA TÁTICA: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004. Semestral. Disponível em: <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2016/00179444.pdf>. Acesso em: 07 maio 2021.

DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes concepções sobre o papel da Educação Física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Coleção Caderno de Formação**, São Paulo, v. 16, p. 34-50, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41548/1/01d19t02.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2022.

FAGGIN, Dora. **Como a pandemia mudou a vida dos brasileiros**. 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/como-a-pandemia-mudou-a-vida-dos-brasileiros/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FÁVERO AREND, Silvia Maria; MACEDO, Fábio. SOBRE A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: Entrevista com o historiador Henry Rousso<em>ABOUT THE HISTORY OF PRESENT TIME: Interview with Henry Rousso</em>. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. p. 201-216, jun. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705>. Acesso em: 20 mai. 2021.

FERES NETO, Alfredo; JOÃO, Renato Bastos. Apontamentos iniciais para uma Educação Física do futuro: uma perspectiva transdisciplinar. In: DRAVET, Florence; PASQUIER, Florent; COLLADO, Javier; CASTRO, Gustavo (org.). **TRANSDISCIPLINARIDADE e Educação do Futuro**. Brasília: Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019. Cap. 11. p. 193-206. Disponível em: [https://socialeducation.files.wordpress.com/2019/12/florence\\_transdisciplinaridade-e-educacao-do-futuro.pdf](https://socialeducation.files.wordpress.com/2019/12/florence_transdisciplinaridade-e-educacao-do-futuro.pdf). Acesso em: 26 fev. 2022.

FERNANDES, Daniela. **Bolsonaro é provavelmente o primeiro líder político da história a desencorajar vacinação, diz especialista francês**. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55939354>. Acesso em: 05 jul. 2022.

FERNÁNDEZ, Juan J.; GRECO, Pablo Juan; SILVA, Simonara; GRECO, Fernando. Meios técnico-táticos de grupo no ataque. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan J. Fernández (org.). **Manual de handebol**: Da iniciação ao alto nível. São Paulo: Phorte Editora, 2010. Cap. 12. p. 153-168.

FERNÁNDEZ, Juan J.; MIRAGAYA, José M.; NASCIMENTO, Randeantony do. Fundamentos técnico-táticos individuais comuns de ataque e defesa. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan J. Fernández (org.). **Manual de handebol**: Da iniciação ao alto nível. São Paulo: Phorte Editora, 2010. Cap. 8. p. 91-99.

FERNÁNDEZ, Juan J.; MIRAGAYA, José M.; NASCIMENTO, Randeantony do do; VILA, Helena. Meios técnicos táticos de grupo na defesa. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan J. Fernández (org.). **Manual de handebol: Da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte Editora, 2010. Cap. 13. p. 169-176.

FERREIRA, Verônica Moreira Souto; OLIVEIRA, Tálita Regina Henrique de; SILVA, Maria Ivonaide Félix Duarte da. DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL. **Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, p. 1-11, 28 ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1272>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FONSECA, Leila Oliveira da. **Os desafios da cooperação internacional em tempos de pandemia**. 2021. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/cooperacao-internacional-pandemia/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GAUDENZI, Paula. Cenários brasileiros da Saúde Mental em tempos de Covid-19: uma reflexão. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2021. DOI: 10.1590/interface.200330. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/369zTnGyMm4MRx6b4kLFrTn/?lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2021.

GAYA, Adroaldo. As ciências do movimento humano: um campo de investigação transdisciplinar. In: GAYA, Adroaldo; GARLIPP, Daniel Carlos; SILVA, Marcelo Faria; MOREIRA, Rodrigo Baptista (org.). **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap. 3. p. 41-50.

GIL, Antonio Carlos. Como Classificar as Pesquisas? In: GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 4. p. 41-57.

GODOI, Marcos; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GOMES, Luciane de Almeida. “Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de covid-19. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 86-101, 22 dez. 2020. Fluxo contínuo dividido em 3 números por ano. Universidade Nove de Julho. DOI: 10.5585/dialogia.n36.18659. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18659>. Acesso em: 20 abr. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. O Método Biográfico em Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 36-43.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara A.; GRECO, Fernando Lucas. Métodos de ensino do handebol: do incidental ao intencional. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan J. Fernández (org.). **Manual de handebol: Da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte Editora, 2010. Cap. 18. p. 241-254.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 97 p. Tradução de Odorico Leal.

JOÃO, Renato Bastos; BRITO, Marcelo de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 263-272, 2004. DOI: 10.1590/S1807-55092004000300005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16567>. Acesso em: 24 fev. 2022.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. NARRATIVAS SOBRE A MORTE: A GRIPE ESPANHOLA E A COVID-19 NO BRASIL. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-19, 04 set. 2020. DOI: 10.1590/1807-0310/2020v32240740. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822020000100403&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100403&tlng=pt). Acesso em: 20 abr. 2021.

MACHADO, Roseli Belmonte; FONSECA, Denise Grosso da; MEDEIROS, Francine Muniz; FERNANDES, Nicolas. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: PANORAMA, DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS CURRICULARES. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 26, p. 1-17, 8 mar. 2021. Publicação Contínua. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. DOI: 10.22456/1982-8918.106233. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-89182020000100425&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-89182020000100425&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 abr. 2021.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A PANDEMIA DE COVID-19: INTERSECÇÕES E DESAFIOS PARA A HISTÓRIA DA SAÚDE E DO TEMPO PRESENTE. In: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (org.). **COLEÇÃO HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: VOLUME III**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 225-249.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009. Cap. 1. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-248, jul/set. 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Parecer nº 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **Parecer Nº 5/2020, de 28/04/2020**. Brasília, DF, 28 abr. 2020a. p. 1-24. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_PAR\\_CNECPN52020.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECPN52020.pdf). Acesso em: 01 jul. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Resolução Nº 12/2020/Cun, de 18 de Agosto de 2020. Aprovar o Calendário Acadêmico Suplementar Excepcional dos Cursos de Graduação, referente ao primeiro semestre letivo de 2020. Relator: Reitor Ubaldo Cesar Balthazar. **Conselho Universitário**. Florianópolis, 18 ago. 2020b. p. 1-7. Disponível em: <https://dae.ufsc.br/files/2020/08/R12CUn2020-Calend%C3%A1rio-Suplementar-Excepcional-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-2020-1-.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Resolução Normativa Nº 140/2020/CUn, de 21 de Julho de 2020. Dispõe Sobre O Redimensionamento de Atividades Acadêmicas da UFSC, Suspensas Excepcionalmente em Função do Isolamento Social Vinculado à Pandemia de Covid-19, e sobre o Calendário Suplementar Excepcional Referente ao primeiro semestre de 2020. Relator: Reitor Ubaldo Cesar Balthazar. **Conselho Universitário**. Florianópolis, 21 jul. 2020c. p. 1-12. Disponível em: [https://cad.paginas.ufsc.br/files/2020/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o\\_Normativa\\_n%C2%BA\\_140.2020.CUn\\_assinada-1.pdf](https://cad.paginas.ufsc.br/files/2020/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o_Normativa_n%C2%BA_140.2020.CUn_assinada-1.pdf). Acesso em: 01 jul. 2022.

MORAES, Maria Cândida. Questões curriculares contemporâneas no âmbito da complexidade e da transdisciplinaridade. In: SÁ, Ricardo Antunes de; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Teoria da complexidade: contribuições epistemológicas e metodológicas para uma pedagogia complexa**. Curitiba: Appris, 2019. Cap. 4. p. 99-138.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papyrus, 2015. (Coleção Práxis). Colaboração de Juan Miguel Bataloso Navas.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 27. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 128 p. Tradução de Eloá Jacobina.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 350 p. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Araripe de Sampaio Doria.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020a. 110 p. Tradução de Clóvis Marques.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: lições do coronavírus. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020b. 97 p. Com a colaboração de Sabah Abouessalam; tradução de Ivone Castilho Benedetti.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015a. 183 p. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015b. 120 p. Tradução de Eliane Lisboa.

NEVES, Fabrício Monteiro. Provincializando o COVID-19: resposta ao vírus em contexto hipercomplexo. **NAU Social**, v. 11, n. 20, p. 157-165, 30 abr. 2020. DOI: 10.9771/ns.v11i20.36514. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36514>. Acesso em: 04 maio 2021.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Semestral. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa\\_Qualitativa.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf). Acesso em: 11 out. 2020.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. 3. ed. São Paulo: TRIOM, 1999. 167 p. Tradução de Lucia Pereira de Souza.

NICOLESCU, Basarab. Transdisciplinaridade: uma esperança para a humanidade. In: DRAVET, Florence; PASQUIER, Florent; COLLADO, Javier; CASTRO, Gustavo (org.). **TRANSDISCIPLINARIDADE e Educação do Futuro**. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019. Introdução. p. 13-18. Disponível em: [https://socialeducation.files.wordpress.com/2019/12/florence\\_transdisciplinaridade-e-educacao-do-futuro.pdf](https://socialeducation.files.wordpress.com/2019/12/florence_transdisciplinaridade-e-educacao-do-futuro.pdf). Acesso em: 26 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 2020. A tradução do pronunciamento foi feita pela Representação da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde no Brasil a título informativo, não se trata de tradução oficial. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 14 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Painel do coronavírus da OMS (COVID-19)**. 2022a. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 03 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Painel do coronavírus da OMS (COVID-19)**. 2022b. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 03 dez. 2022.

PADILHA, Adriano. **O que é um emoji**. 2014. Disponível em: [https://www.significados.com.br/emoji/#:~:text=Emoji%20%C3%A9%20um%20pictograma%20ou,%20e%20moji%20\(letra\)](https://www.significados.com.br/emoji/#:~:text=Emoji%20%C3%A9%20um%20pictograma%20ou,%20e%20moji%20(letra).). Acesso em: 03 nov. 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. ENSINO REMOTO OU ENSINO A DISTÂNCIA: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários: revista de cultura**, v. 37, n. 12, p. 58-70, dez. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/lucas/Downloads/249044-184556-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

PASSOS, Edilenice; WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Pandemias do passado, lições para o futuro e um pouco de legislação. **Cadernos de Informação Jurídica**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 9-61, 02 ago. 2020. Disponível em: <http://www.cajur.com.br/index.php/cajur/article/view/264>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de; SUANNO, João Henrique. Transdisciplinaridade e educação física escolar: reflexões para o desenvolvimento humano. **Revista Polyphonia**, v. 27, n. 1, p. 437, 15 jul. 2016. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rp.v27i1.42323>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/42323>. Acesso em: 30 jan. 2022.

PEDROSA, Gabriel Frazao Silva; DIETZ, Karin Gerlach. A PRÁTICA DE ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura: BOCA**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 103-112, 15 jun. 2020. Fluxo contínuo. Disponível em: <https://zenodo.org/record/3894895#.YH9sk-hKhPZ>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Fundamentação teórica na graduação de professores de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-13, 26 maio 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2021e78283>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/78283>. Acesso em: 26 jan. 2022.

PETRAGLIA, Izabel. O processo de produção do conhecimento: complexidade e transdisciplinaridade. In: BEHRENS, Marilda Aparecida; ENS, Romilda Teodora. **Complexidade e transdisciplinaridade**: novas perspectivas teóricas e práticas para a formação de professores. Curitiba: Appris, 2015. Cap. 4. p. 75-86.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS (PMF). Constituição (2020). Lei nº 10.701, de 22 de abril de 2020. AUTORIZA O REGIME ESPECIAL DE ATIVIDADES DE APRENDIZAGENS NÃO PRESENCIAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS, PARA FINS DE VALIDAÇÃO DA CARGA HORÁRIA MÍNIMA ANUAL EXIGIDA PARA O CUMPRIMENTO DO ANO LETIVO DE 2020, EM CONSONÂNCIA COM A PREVENÇÃO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS (COVID-19) E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. **Lei Nº 10.701, de 22/04/2020**. Florianópolis, SC, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.diariomunicipal.sc.gov.br/?r=site/acervoView&id=2452747>. Acesso em: 01 jul. 2022.

REIS, Vivianne Margareth Chaves Pereira; MOURA, Walter Luiz de; CUNHA, Alexandre Alves Caribe da; CONCEIÇÃO, Maurício Fagundes da. A prática esportiva nas aulas de Educação Física no contexto do ensino a distância e percepção dos professores universitários diante das aulas remotas em tempos da pandemia da COVID-19. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 20-27, 24 nov. 2020. Caderno Especial - Relato de Experiência. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/3154>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RESENDE, Rodrigo. **Dois anos do primeiro caso de coronavírus no Brasil**. 2022. Rádio Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/02/23/dois-anos-do-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 08 jul. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. PESQUISA HISTÓRICA. In: RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012. Cap. 15. p. 245-258.

RODRIGUES, Leticia. **Covid-19 e poluição**: como a pandemia afetou o ar que respiramos. 2020. Edição: Luiza Monteiro. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/08/covid-19-e-poluicao-como-pandemia-afetou-o-ar-que-respiramos.html>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Vozes docentes: lugar de escuta em tempos de pandemia. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. Dossiê *Direitos Humanos, sensibilidades e resistência*, n. 36, p. 224-251, 18 dez. 2020. Universidade Federal da Fronteira Sul. DOI: 10.36661/2238-9717.2020n36.11886. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/11886>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SÁ, Ricardo Antunes de. Contribuições teórico-metodológicas do Pensamento Complexo para a construção de uma Pedagogia Complexa. In: SÁ, Ricardo Antunes de; BEHRENS, Marilda Aparecida (org.). **Teoria da complexidade: contribuições epistemológicas e metodológicas para uma pedagogia complexa**. Curitiba: Appris, 2019. Cap. 1. p. 17-63.

SANTA CATARINA (SC). Constituição (2020). Decreto nº 507, de 16 de março de 2020a. Dispõe sobre medidas de prevenção e combate ao contágio pelo coronavírus (COVID-19) nos órgãos e nas entidades da Administração Pública Estadual Direta e Indireta e estabelece outras providências. **Decreto Nº 507, de 16/03/2020**. Disponível em:

<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390996>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SANTA CATARINA (SC). Constituição (2020). Decreto nº 509, de 17 de março de 2020b. Dá continuidade à adoção progressiva de medidas de prevenção e combate ao contágio pelo coronavírus (COVID-19) nos órgãos e nas entidades da Administração Pública Estadual Direta e Indireta e estabelece outras providências. **Decreto Nº 509, de 17/03/2020**. Disponível em:

<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390985>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SANTOS, Ademir Valdir. Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 42, n. 87, p. 281-303, ago. 2021. DOI: 10.1590/1806-93472021v42n87-14. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/st3TnrWtJWZsynbHD6HttXt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 71-83, abr. 2008. DOI: 10.1590/s1413-24782008000100007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5qbJPVmkqkbqNMj8hGTXVBN/?lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos; CHIQUIERI, Ana Maria Crepaldi. A dialógica de Edgar Morin e o Terceiro Incluído de Basarab Nicolescu: uma nova maneira de olhar e interagir com o mundo. **III EDIPE: Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**, Goiânia, p. 1-26, 2009.

Disponível em:

[http://cepedgoias.com.br/edipe/IIledipe/pdfs/4\\_conferencias/conf\\_a\\_dialogica\\_d\\_e\\_edgar\\_morin.pdf](http://cepedgoias.com.br/edipe/IIledipe/pdfs/4_conferencias/conf_a_dialogica_d_e_edgar_morin.pdf). Acesso em: 31 maio 2022.

SANTOS, Sílvia Reis dos. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, p. 401-406. 1999.

Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-251430#:~:text=O%20paradigma%20quantitativo%2C%20hegem%C3%B4nico%20na,a%20validade%20e%20a%20confiabilidade>. Acesso em: 26 set. 2020.

SCHERRE, Paula Pereira. E QUANDO PESQUISADOR E PESQUISADO SÃO A MESMA PESSOA? REFLEXÕES EPISTEMO-METODOLÓGICAS À LUZ DA COMPLEXIDADE E DA TRANSDISCIPLINARIDADE. **Revista Terceiro Incluído**, v. 5, n. 1, p. 263-286, 30 jun. 2015. Universidade Federal de Goiás. DOI: 10.5216/teri.v5i1.36359. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/teri/article/view/36359>. Acesso em 24 dez. 2021.

SCHLEMPER JUNIOR, Bruno Rodolfo; DALL'OGGIO, Ana Claudia. A pandemia de influenza espanhola (1918) em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, Florianópolis, v. 40, n. 3, p. 104-114, 2011. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=663120&indexSe arch=ID>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SCHONS, Maria Eduarda; BRANCO, Paula Otávia H.; ZANCANARO, Vilma; BELLAVER, Emyr Hiago. COVID-19, ASPECTOS GERAIS E A TRAJETÓRIA DO VÍRUS NO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, Caçador, v. 50, n. 1, p. 113-130, 2021. Disponível em: <https://revista.acm.org.br/index.php/arquivos/article/view/939>. Acesso em: 14 maio 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 375 p.

SILVA, Carolina Fernandes da. Scientific knowledge in the field of Physical Education: paths to complexity. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 22, p. 1-8, 26 jun. 2020a. DOI: 10.1590/1980-0037.2020v22e74627. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/1980-0037.2020v22e74627>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVA, Danielle Fernanda Soares de Carvalho e; SILVA, Elaine Pereira e; ANDRADE, Phillipy Silva. Corpo em cena. Mímica e sua relação com a corporeidade. **Psicologia.pt**, Teresina, p. 1-24, 2014. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0831.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

SILVA, Helena da. História da saúde no tempo presente: pandemias contemporâneas e o ofício dos historiadores [Entrevista]. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e0401, abr. 2020b. DOI: 10.5965/2175180312292020e0401. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0401>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SILVA, Maria José Sousa da; SILVA, Raniele Marques da. **EDUCAÇÃO E ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: desafios e encontros. CONEDU: VII Congresso Nacional de Educação**, Mari, p. 1-15, 2020.

Disponível em:

[https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook3/TRABALHO\\_EV140\\_MD7\\_SA100\\_ID1564\\_06092020174025.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook3/TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID1564_06092020174025.pdf). Acesso em: 27 set. 2022.

SINTRASEM (Florianópolis). Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis (org.). **Trabalhadores da educação de Florianópolis em greve pelo direito à vida e a segurança!** 2021. Disponível em:

<http://www.sintrasem.org.br/Default/Noticia/19172/trabalhadores-da-educacao-d-e-florianopolis-em-greve-pelo-direito-a-vida-e-a-seguranca>. Acesso em: 01 out. 2022.

SOMMERMAN, Américo. **COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE.**

**Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 77-89, 17 maio 2011.

Universidade Federal de Goiás (UFG). DOI: 10.5216/teri.v1i1.14390. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/14390>. Acesso em: 30 nov. 2022.

VALENCIO, Norma. Por um Triz: ordem social, vida cotidiana e segurança ontológica na crise relacionada à pandemia de covid-19. **O Social em**

**Questão**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 23, p. 53-74, maio. 2020. Disponível em:

[http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ\\_48\\_Art\\_2.pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_48_Art_2.pdf). Acesso em: 08 abr. 2021.

VERDÉLIO, Andreia. **Bolsonaro defende protocolo de tratamento precoce contra covid-19.** 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/bolsonaro-defende-protocolo-de-tratamento-precoce-contracovid-19>. Acesso em: 05 jul. 2022.

VIEIRA, Douglas Alencar; COSTA, Louise Santos da; NEGRÃO, Ângelo Solano; MONTEIRO-SANTOS, Roseane. A PERSPECTIVA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS AULAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, v. 11, n. 16, p. 45-66, 25 fev. 2021. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

DOI: 10.46551/rn2020111600043. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/3377>. Acesso em: 20 abr. 2021.